

Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 126

DOMINGO, 12 DE OUTUBRO

Numero : 300 réis



ALMIRANTE EDUARDO WANDENKOLK

CHRONICA

« O homem que pinta ou escreve não pode isolar-se deante da sua secretária ou do seu quadro. Sae, conversa, observa, recebe as indicações dos seus amigos cu rivaes, busca suggestões nos livros ou nas obras de arte que o cercam. Uma idéa assemelha-se a uma semente; se esta precisa, para germinar, desenvolver-se e florescer, da nutrição trazida pela agua, o ar, o sol e a terra, a idéa, para encontrar a sua forma definitiva, carece dos complementos e dos accrescimos dos espiritos vizinhos. Ora, nos tempos de tristeza, que sorte de suggestões pode vir lhe de tal fonte? Suggestões tristes porque os homens outras não recebem. Como a sua experiencia se limita a sensações ou sentimentos dolorosos só em materia de soffrimento fizeram descobertas e sublinharam nuances; é o seu coração que interrogamos e como este só magua alberga só magua pode mostrar-nos. São verdadeiros eruditos na dôr, no desgosto, no desespero, no abatimento e somente nisso. Se o artista lhes pedir conselho e ensinamentos outros não receberá; procurar nessa fonte qualquer idéa ou informação sobre as formas varias ou as expressões diversas da alegria, seria em pura perda; cada um dá o que tem. Por isso, quando o artista pretender representar a felicidade, o prazer, o riso, encontrar-se-ha sozinho, sem apoio, entregue ás suas proprias forças e a força de um homem isolado é sempre limitada e a sua obra resultará mediocre. Ao contrario, se se der á representação dos sentimentos melancolicos todo o seu seculo lhe virá em auxilio e encontrará os materiaes preparados pelas escolas precedentes, uma arte já feita, processos conhecidos,

o caminho traçado. Os homens só comprehendem sentimentos analogos aos que elles proprios experimentam. Os outros, ainda que impecavelmente expressos, não os commovem; os olhos vêem, mas o coração não sente, e logo os olhos se desviam. Imaginem um homem que perdeu patria, filhos, saúde, liberdade, que padeceu acorrentado durante vinte annos, como Pellico ou Andryane, cujo character se foi gradualmente alterando e quebrando, que se tornou melancolico e mystico, cujo desalento é incuravel: elle terá horror á alegria; não lerá Rabelais de boa mente; se o conduzirem deante dos corpos jucundos e brutos de Rubens, desviará os olhos; só verá com agrado quadros de Rembrandt; preferirá a musica

de Chopin e as poesias de Lamartine ou Heine. Outro tanto acontece com o publico; o seu gosto depende do seu estado; a sua tristeza só se compadece com as obras tristes.»

Appliquem *el cuento*, que é de Taine, na sua *Philosophia da Arte*, e vejam se toda a litteratura dos «novos» não traduz, com raras excepções, o estado doentio e melancolico da sociedade brasileira. Não de toda, bem sei; mas da sua grande maioria. Ainda ha alguns felizes, mas tão poucos e tão dispersos que se diluem e perdem na enorme massa dos desgraçados, dos descontentes ou dos simples inquietos.

Os titulos das obras, a sua melopeia choramingsas, a sua falta absoluta de horizonte, a sua resignação impotente, o seu funebre carpir desesperam os mais esperangados, enfraquecem os mais corajosos, abalam os mais confiantes. A poesia, a prosa, toda a arte nacional glosa o thema do infortunio, borda mortalhas de defuntos, resa responsos de egreja e na propria toada das rimas ha como que um vago éco de pregar lampas de esquires.

Jacques Bonhomme.

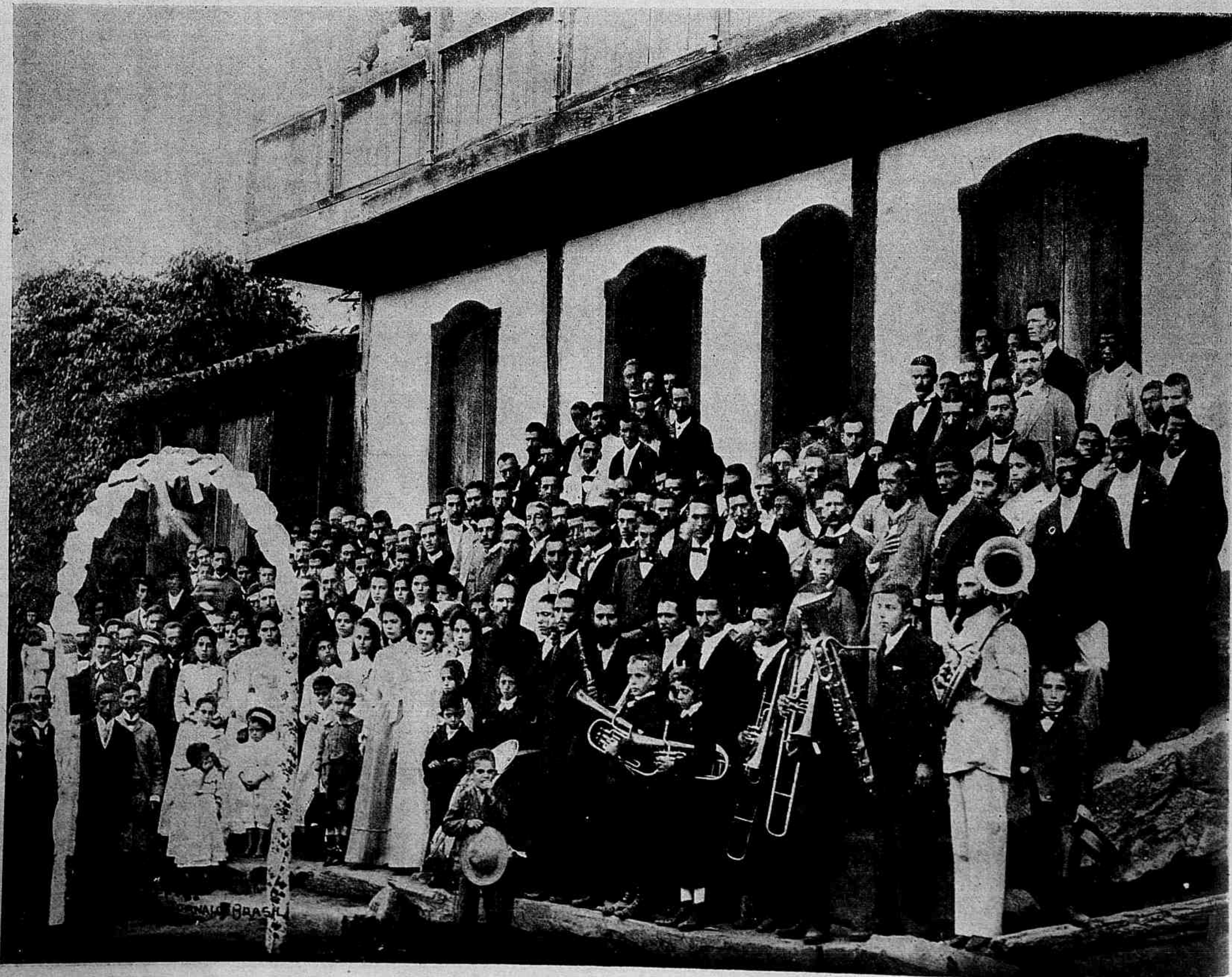
ESTADO DO PARANÁ

As tres gravuras que hoje publicamos sobre o Estado do Paraná pertencem á vasta zona do noroeste do mesmo Estado.

Por ter sido recentemente povoada, esta zona ainda hoje é pouco conhecida pelos proprios paranaenses jazia despovoada e inculta até que no ultimo decennio diversas familias paulistas e mineiras alli fixaram residencia, fundando numerosos povoados, taes como a villa do Jacarezinho, outrora Nova Alcantara, Colonia



ESTADO DO PARANÁ — Uma rua da villa do Pirahy — ponto terminal da linha do norte da E. F. S. Paulo Rio Grande.

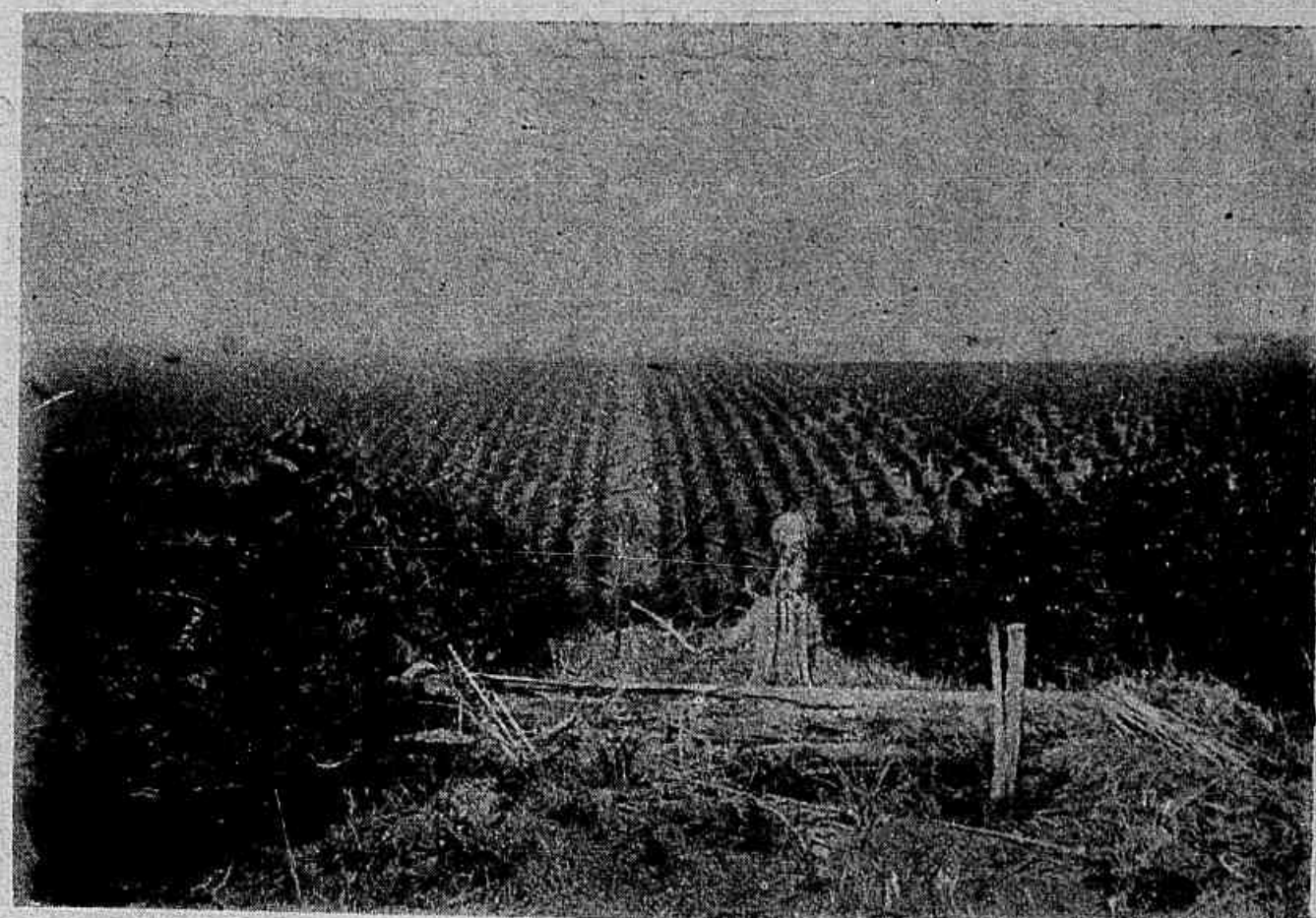


Vista da escadaria da casa do sr. Telesphoro Francisco das Chagas, onde se vê agrupada uma multidão de amigos e admiradores do dr. José Caetano da Silva Campolina, por ocasião da sua visita ao Lamim, Estado de Minas, em 31 de maio de 1902.

(Phot. Domingos Bertone.)



Povoado da Taquaral, fundado em 1896.



Fazenda de café, em Jacarézinho.

ESTADO DO PARANÁ
(Photographias tiradas pelo dr. Candido F. de Abreu.)

SILHOUETTE

Mineira, Barbosas, Santo Antonio da Platina, Jaboticabal, Taquaral e outros.

A cultura do café iniciada nos ultimos cinco annos é hoje importante á margem esquerda do Paranapá, sendo a sua producção annual calculada em 250.000 arrobas, das quaes a maior parte demanda o porto de Santos e o resto fornece aos mercados do Estado todo o café necessario para o consumo.

O governo do Estado, no sentido de facilitar as communicações desta florescente região, encarregou o engenheiro dr. Candido Ferreira de Abreu, ex secretario das obras publicas e deputado estadual, de abrir uma estrada, já bastante adiantada, que ligue a villa do Pirahy, ponto terminal da linha do norte da E. F. de S. Paulo-Rio Grande, á séde do municipio do Jacarézinho.

ESTEVAM de Silhouette, financeiro francez, fallecido em 1767, foi ministro de Luiz XV, mas as suas medidas economicas pareceram tão mesquinhas e futeis ao publico de seu paiz, que os satyricos e trocistas começaram a dar a denominação de *à silhouette* a tudo que apresentava um caracter de seccura, de ridicula parcimonia ou de inani-dade.

Assim, por exemplo, as calças esguias e sem bolsos, e os sobretudos estreitos e sem prégas,

que então se usavam, foram chamados calças e sobretudos *à silhouette*.

Assim tambem os retratos naquelle tempo muito em voga, traçados em perfil, pelo contorno da sombra, receberam egualmente o nome de retratos *à silhouette*.

Dahi ficou a palavra para designar, não só essa especie de retratos, mas tambem o desenho do simples contorno de qualquer objecto, ou mesmo o proprio contorno, pois é frequente dizer-se ainda hoje a *silhouette* de uma montanha, de um monumento, ou de uma cidade etc.

Não se pode ser justo se não se é humano.



Visita do dr. José Caetano da Silva Campolina, presidente da Camara e Agente Executivo Municipal de Queluz, Minas Geraes, ao districto do Lamim, Vista da casa do sr. Telesphoro Francisco das Chagas, onde foi offerecido um banquete a s. s., em 31 de maio de 1902. (Phot. D. Bertone)

A FESTA DE NOSSA SENHORA DA PENHA

DOMINGO ULTIMO, 5 DO CORRENTE



Um grupo de romeiros em alegre convescote.



Um «cordão» com os seus tradicionaes pandeiros.

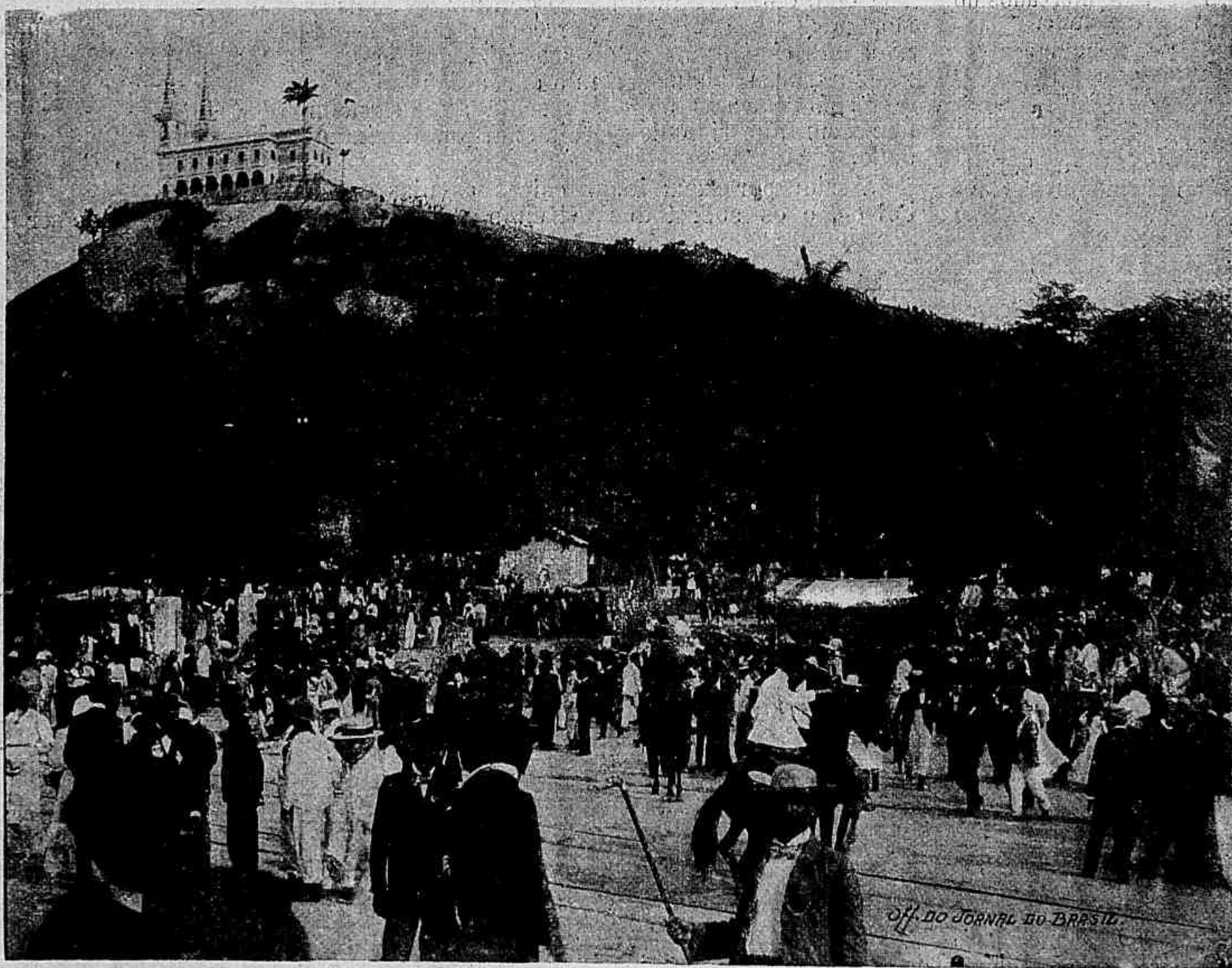
A GARÇA

VINHA chegando o inverno.

Além, os cúmes das montanhas embugavam-se em capotes brancos, e, como que se encolhiam todos, para que o vento frio do norte passasse, sem lhes bater de chofre sobre o dorso.

Dos bosques desertavam os passarinhos em procura de outro clima, os insectos emudeciam e uma uuvem alvadia e frigida descia sobre a terra, derramando sobre tudo uma nostalgia immensa, tristissima...

E a garça que eu via todas as manhãs, muito branca, muito esguia, vagando pelo avelludado verde da campina, esticou o pescoço e com o olhar investigou toda a profundeza do espaço em procura de alguma nesga de céu onde o sol brilhasse rutilo, festivo, numa apothéose de luz e de alegria, igual á alegria de seu intimo que nunca poudé habi-



Vista da egreja e do outeiro e entrada do arraial.

tuar-se ao inverno luctuoso e triste.

Certo, para além, avistou essa nesga de céu dourado, e, relanceando os olhos, num ultimo adeus de despedida, por toda a extensão de campina, abriu as azas longas e finas e subindo pelo ar partiu num vôo rapido, soltando um grito triste e lancinante.

Não vás tu, tambem, ó minha amada, tu que és a garça branca que pisa o tapete verde de minha alma, verde das esperanças risonhas, não vás tu, tambem, partir quando o inverno de minha vida chegar nevando os meus cabellos, fazendo encolher-me todo, como juntando o resto das minhas forças para melhor resistir ás intemperies do frio, não vás tu partir como a garça partiu, soltando um triste grito que ficou vibrando pelo ar como um gemido de angustia e de saudade!...

Emilio Kemp.



Vendedores de rosários.



Viva a Penha!

(Photographias da Revista da Semana.)

OS THEATROS

UMA notícia que, ha dias, recebi e cuja authenticidade guaranto, merece bem que lhe consagre um folhetim. O Rio de Janeiro vae ter a felicidade de ou-



Gaston Devore, o autor de *Conscience de l'Enfant* e *Complaisances*.

vir, na temporada theatral de 1903, a *troupe* completa do theatro Antoine, de Paris, quatorze actrizes e dezoito actores, na maravilhosa afinação do seu conjunto, e na infinita, ductil e admirável variedade do seu esplendido repertorio.

Mas não pára aqui a excellencia da noticia. Do elenco Antoine farão tambem parte o actor Grand, que o publico fluminense saudou com vivo entusiasmo ao lado da Rejane, na *Dame aux Camelias*, em *Robe Rouge* e em *Amoureuse*, o exímio comediante Gémier, ex-director do theatro do mesmo nome e um dos melhores discipulos de Antoine e, finalmente, como primeira estrella de uma constellação, onde ha muitas de primeira grandeza, mme. Suzanne Després, a incomparavel Gervaise do *Assommoir*, cuja entrada para a Comedia Franceza é um dos maiores serviços prestados por Jules Claretie a primeira scena do mundo.

Algumas palavras sobre Antoine serão á de certo, agradecidas pelos benevolos leitores destas chronicas.

Antoine é o reformador da *mise-en-scene* no theatro francez, reforma que exerceu consideravel influencia na arte dramatica contemporanea. (1) Filho de um empregado da Companhia do Gaz sabiu, aos 13 annos, da escola primaria, quasi analphabeto e entrou para uma casa commercial. Preso ao balcão durante o dia, passava as noites na Comedia Franceza, onde era admittido gratis, como *claqueur*, substituindo o respectivo chefe nas ausencias deste. Desejando conhecer os actores de perto e no meio proprio, conseguiu que o admittissem como comparsa, figurando em todas as peças do repertorio. O comparecimento obrigatorio aos ensaios fez com que successivamente o despedissem de varias casas commerciaes, obrigando-o a passar fome e miseria e a dormir ao relento nos mercados, nos bancos dos jardins e nos desvãos das portas.

Tentou o Conservatorio, foi recusado. Tambem Zola o foi no bacharelado! Neste meio tempo,

completou 21 annos e, chamado ao serviço militar, logo se apaixonou pela carreira das armas. Secretario modelo de generaes, a quem hoje aperta a mão, reclamou o serviço de campanha e passou muitos annos em Africa. No regresso, aos 26 annos, parecia haver esquecido completamente o theatro. Casado, com 150 francos por mez, todo o seu empenho era equilibrar o orçamento domestico e, para isso, trabalhava de noite em escriptas particulares.

Desgostos domesticos perturbaram esta existencia methodica. Um collega propoz-lhe, para distrahir-o, a entrada para uma sociedade de amadores dramaticos. Antoine acceitou, representando assim *Gringoire*, *Nos bons villageois* e *Les idées de Mme. Aubray*. O palco e a tinta de imprensa são dous toxicos terriveis. A paixão antiga voltou com violencia. Antoine alugou a sala Pigalle, pediu dous actos a autores em voga, convidou a imprensa. A imprensa não foi, os consocios abandonaram-no. Teimou. Uma segunda audição com peças de Bergerat e Méténier obteve um exito relativo. Muita gente e gente boa.

Até alli os ensaios realizavam-se nos fundos do estabelecimento de um negociante de vinhos, e só as audições publicas eram dadas na sala Pigalle. Um bello dia, em julho, de 1887, Antoine, sem vintem, deu a sua demissão de empregado da Companhia do Gaz. O pae, indignado, rompeu



Theatro L'Odeon — *Les trois glorieuses* — Helène — Mlle. Yvonne Garrick.

com elle. Antoine, pezaroso, mas não convencido, inaugurou a nova sala da rua Blanche com *le Baiser*, de Th. de Banville.

A primeira temporada rendeu 2.000 francos de assignaturas e saldou-se com 15.000 de prejuizo; na segunda, no theatro Montparnasse, as quotas das assignaturas subiram o 45.000 francos; mas o passivo continuou a crescer a olhos vistos, saldando-se a temporada com um deficit de 75.000 francos. Antoine continuou a lutar e o futuro deu-lhe razão. (2).

Durou oito annos essa campanha porfiada, tenaz, conduzida com animo sempre igual, fé sempre robusta, coragem sempre heroica. E para ajuizar da intelligencia e da actividade de seu promotor, bastará não esquecer que, no primeiro triennio, Antoine fez representar 125 actos ineditos: *Sœur Philomène*, *La Puissance des Ténébres*, *Rolande*, *La Mort du Duc d'Enghien*, *Le Comte Wittold*, *Le Père Lebonnard*, *L'Ecole des Veufs*, *La Casse-rolle*, *Le Maître*, etc. (3).

Dalli, o eminente director passou para o Gymnase, onde creou *Chambray* em *l'Age difficile*; depois para o Renaissance, onde creou *Theodore* de *La Figurante* e mais tarde para o Odeon, que dirigiu apenas durante dezeseite dias. Director do ex-theatro Menus Plaisirs, ao qual liga o seu nome, continúa a campanha do Theatro Livre, com tamanha felicidade que hoje o Theatro Antoine é um dos mais concorridos e fructuosos de Paris: «C'est le theatre heureux, mais le theatre laborieux par excellence, où jamais on n'use un succès, où les



Mme. Suzanne Després — Da *Comédie-Française* (esperada para a temporada de 1903, na companhia Antoine)

œuvres succèdent aux œuvres presque toujours intéressantes, et toujours excellemment interprétées». (4)

Nesta ultima phase, as suas principaes creações encontram-se nas seguintes peças: *Le repas du lion*, *Ceux qui restent*, *Joseph de Arimathea*, *Julien n'est pas un ingrat*, *Le retour de l'aigle*, *Judit Renaudin*, *Resultat des courses*, *L'Avenir*, *La Nouvelle-Idole*, *En paix*, *La Gitane*, *Poit de Carotte*, *La Clairière*, *Le Marché*, *Sur la foi des étoiles*, *La main gauche*, *L'article 230*, *La petite Paroisse*, *Les Remplaçantes*, *Le Voiturier Hensechel*, *Le Bailloin*, *Au Téléphone*, *La Terre* etc.

«Antoine comprehendeu, escreve o visconde G. d'Avenel, que não-basta saber harmonisar os grupos, occupar os personagens mudos e movimentar a acção sem interrompê-la, e evitar que um canto da scena subsista indefinidamente frio e vasto. Comprehendeu que o palco transbordava de tradições, habitos, artificios do *métier*; que o theatro classico, feito de recitações e discursos, se sobrecarregará, com o tempo, de virtuosidades e trechos de bravura, e tambem que o genero *nobre* transbordara, alastrara até ao repertorio moderno, implantando-se-lhe na *mise-en-scène*. As portas continuavam a abrir se, de par em par, diante dos actores, sem que estes se dessem ao trabalho de dar volta ao ferrolho... aliás ausente.

Viu ainda que, em materia de scenario, a sciencia do «quadro» não basta; que muitos directores, preocupando-se demasiadamente com o «bonito», acabam pelo tapeceiro ou pela magica; mas que convém, sobretudo, graduar o quadro pela acção e «crear uma atmospheria» dentro da qual possa o texto mover-se á vontade.

Finalmente, nunca se deve ensaiar em scena *nua*. Para que os movimentos dos actores «se casem» com o movimento do scenario, é preciso que se habituem a viver dentro deste. E' o meio que crea a *mise-en-scène*; é, portanto, elle a primeira cousa a attender.»

Brevemente, teremos no Theatro Appolo a estréia da companhia organizada pelo empresario Milone a preços verdadeiramente modicos para os tempos que atravessamos.

O repertorio é excellent. Aguardemos a estréia.

Terminou a temporada Sansone, fechando com chave de ouro. A *Bohemia* foi um grande, um legitimo successo para todos os artistas. Darclée uma *Mimi* incomparavel; Passini uma *Musette* inextinguível, a melhor que até hoje temos ouvido.

(1) VICOMTE G. D'AVENEL: — *Le mecanisme de la vie moderne*. — 4^a série — 1902. — pags. 251 e 252.

(2) «Le directeur de cette scène minuscule est un homme de beaucoup d'énergie et d'infiniment d'esprit.» F. SARCEY: folhetim do *Temps*, em 1 de agosto de 1887.

(3) JULES MARTIN. — *Nos artistes* 1901 — 1902.

(4) EDMOND STOULING. — *Les annales du theatre et de la musique* — 1901 — pag. 363.

Farfalla.



Theatro L'Odeon — *Les trois glorieuses* — Mirette — Mlle. Léonie Yahne.

Ó POETA E A VELHINHA

QUANDO se achou morto, deu-lhe um grande susto, pois bem sabia que ia dar estreitas contas de suas acções na vida e de como empregára o seu talento.

Era em sua alma uma sensação estranha, e comsigo dizia que, se ainda tivera coração, mais lhe bateria naquella hora, do que em tantas paixões que o mortificaram na vida mortal.

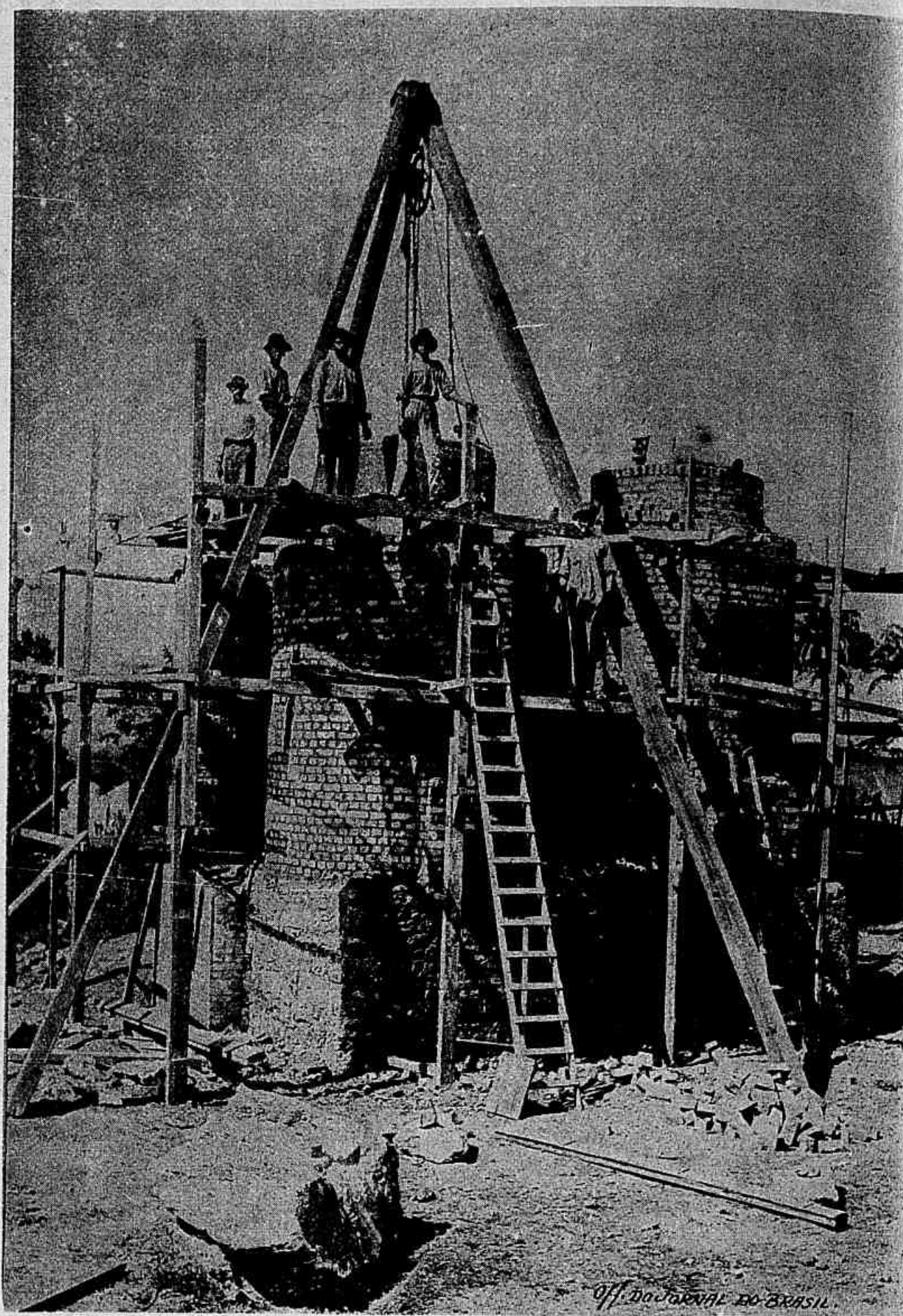
Toda a levára fazendo versos. Quanta vez a manhã o encontrára, já queimado o papel que apertava a vcla no castiçal, a procurar uma rima, a concertar os pés de um alexandrino, a amaciar a dureza de um heroico, a dar maior harmonia a uma quadrinha frouxa!

Assim, tranquillamente, lhe haviam embranquecido os cabellos de sua linda cabelleira, em que tinha certa vaidade. Gostava de sentil-a esvoçar ao ar frio da manhã, quando, depois de uma noite de trabalho, á hora em que os gatos recolhem de suas aventuras nocturnas, punha a cabeça á trapeira, a refrescar.

Assim, até muito velho, levára a vida cantando o que era bello: o amor, a mulher, a natureza, os perfumes da primavera e as melancolias do ou-

tanto a confiança não o abandonára de todo. Quanta vez, em meio do temporal de paixões em que via os outros debaterem-se, elle, lá do alto da trapeira em que vivera e morrera, punha os olhos no céu e, fugindo aos miasmas da terra, cantava os astros, capaz de voar, ligeiro porque era pequena sua bagagem de ambições.

E, pelo costume em que estava, olhou para cima, viu roto um bocadinho da abobada celeste e pelo rasgão viu Nossa Senhora entre os anjos, num grande resplendor que lhe offuscou os olhos. Ficou attonito! Nunca imaginára o céu tão maravilhoso, elle a quem uma olaia em flor dava estremecimentos de jubilo.



Fabrica de desinfectantes, do pharmaceutico Freire de Aguiar. — Aproveitamento do alcatrão de hulha para fabricação de diversos desinfectantes postos em uso, como o acido phenico, bruto e crystalisado, creolina, bysolina, naphta e outros derivados da hulha.

lot, a dôr de ver amarellecer no cordel dos kiosques as suas redondilhas fragrantas como violetas á beira de um regato.

Para alli estava agora esquecido de todos. Qualquer varão illustre tem pomposas exequias, com missa de corpo presente, elogio funebre, muitos padres

a cantarem com voz solemne. Mas elle quem deixára que no mundo rezasse por sua alma? Os pobresinhos a quem dava esmola, os pequeninos a quem fazia festa nem o nome lhe sabiam, e as arvores em flôr, as estrellas, as fontes, os olhos das mulheres bonitas não rezam pelas almas do Purgatorio.

O Senhor, condemnando-o, não lhe mostrára muito má cara, e até lhe pareceu que S. Pedro sorria muito docemente lá por detraz das barbas muito-brancas.

Dahi não soffria senão de muitas saudades. Aquelle cantinho do céu que avistára, a Virgem



Guilherme Marconi, o glorioso inventor do telegrapho sem fios.

tomno, noites de Natal e a neve a cahir nas serras, noites de S. João e as cachopas dansando em volta das fogueiras. Inspirára-se no Evangelho para cantar a caridade e fizera uma ode heroica a uma victoria das nossas armas.

Nunca sua penna a puzera ao serviço de más paixões, nunca, nem quando com vantagens o convidaram. Bastou-lhe o que lhe davam editores com typographias em beccos e que lhe imprimiam as obras num papel ordinario, com erros de imprensa que o desesperavam.

Nunca chégara por isso a ter nome, e sentira-o por vezes com certa amargura, em horas de desalento.

Porque seu principal defeito era esse — reconhecia-o — a vaidade. E, agora que ia prestar contas ao Creador, lembrava-se com remorso de certos movimentos de impaciencia. Além disso, cantando o amor, uma vez por outra, deixára escapar algum verso que uma menina bem educada não deveria ler, que não tinha a pureza immaculada de seus companheiros. A uma viuva, sua visinha, chegára a dirigir umas quadras com más intenções, onde havia uma inspiração que elle mesmo vaidosamente classificára de um tanto diabolica.

Era o que lhe apertava a alma no sitio do coração, emquanto esperava a chamada. Entre-

Pareceu-lhe ouvir uns canticos longinquos de ineffavel harmonia. Atirou os braços para cima, como se quizesse voar, e viu — nem ella sabia se tinha visto — Nossa Senhora a sorrir-se para elle, que até o céu se fez mais claro.

Foi depois disso, com enorme tristeza, que se viu condemnado ao Purgatorio por tempo indeterminado. A culpa era dos taes versos e de não ter sabido conter os impulsos de seu lyrismo. Tambem a vaidade lhe fôra agravante, certo desvanecimento perante uma estrophe bem trabalhada, uma invejasinha ao ler interminaveis elogios a poemas frouxos e assucarados como pão de



ESTADO DO PARANÁ — Curityba — Palacete na villa Ildefonso (Batel) de propriedade do sr. Leocadio Corrêa, socio da firma Corrêa & Araujo, agente da Revista da Semana. (Phot. D. Paiva, amador)

Purissima com seus cabellos de ouro, davam-lhe uma anciedade de voar. E, para distrahir-se, ia compondo um hymno, muito espantado de como as rimas lhe acudiam faceis, de como o verso lhe sabia sonoro.

Ora, por esse tempo, e na mesma cidade em que o poeta habitára, havia uma velhinha que tinha grande devoção pelas almas e por isso muito crédito no Purgatorio, onde todos a conheciam de fama. Ainda o sol vinha longe, mal o sacristão dava o primeiro toque para a missa, logo ella, muito enoveladinha, ia pela rua fóra com o sacco dos livros e o rosario na mão.

Mais que as outras almas inspiravam-lhe compaixão as dos gloriosos deste mundo. Os que forem cá primeiros hão de ser ultimos na outra vida, e ella sabia, por ouvir dizer, como é facil á soberba penetrar nos corações. A

lisonja, a arte das mulheres que querem ser amadas, também nas chammas precipitam muitas almas, cegas por uma luz deslumbrante que o diabo atiga. Era sua devoção rezar pelos generaes, pelos ministros, por todos emfim que mais os homens cele-

Então o poeta no Purgatorio viu outra vez rasgar-se um bocadinho de céu. E lá do interior baixou sobre elle uma luz muito mansa, que o envolveu todo em seus raios carinhosos, perfumados por uma essencia, como nunca na terra a respirara tão pura, e que devia de ser das flôres do Paraíso ou do halito dos anjos. Já ouvia mais distincta a musica dos côros, e quando, todas as manhãs, uma sineta se punha a tocar na cidade, mais um bocadinho do céu se rasgava. Era a velhinha que ia para a missa das almas.

O poeta deu a ultima demão no hymno novo, exactamente no mesmo dia em que na terra lhe inauguraram a es-



Coronel Augusto Leite

Director-technico da *Gazeta do Commercio*, que se publica no Rio Grande do Norte.

bram, mas que nem sempre haviam sido agradaveis ao Senhor em suas obras neste mundo.

Um dia de defuntos, tinha ella ido ao cemiterio rezar um Padre Nosso em frente dos tumulos mais ricos, que são ás vezes dos mais abandonados, e, ao passar por uma grande praça, viu muitos homens abrindo cavoucos, dispondo vedações, apparelhando grandes blocos de marmore. E muito curiosa com o todas as velhas — mas esta lá tinha suas razões — perguntou com voz tremula se era a tarefa para serviço de Deus. Todos se riram da innocencia da pergunta, o que muito a scandalizou; mas, resposta de um, esclarecimento de outro, foi apurando o que desejava.

E ficou sabendo que na cidade nascera, havia uns oitenta annos, um dos maiores poetas do mundo e que passara a vida a amar o que Deus fizera formoso.

Logo a velhinha se assustou.

Durante o tempo que andou pela terra, os homens não se importaram com elle; mas, assim que morreu, appareceram admiradores e amigos a figurar á custa do morto. Uma edição luxuosa de todas as obras já andava a correr mundo. Uma maravilha, cada verso um diamante, cada estrophe uma joia de alto preço! Era uma divida sagrada que lhe iam agora pagar elevando-lhe uma estatua.

Ai, o que a velhinha chorou!... E, por entre as lagrimas, foi logo rezando uma estação. Uma estatua!... Desgraçada alminha!



Off. do JORNAL DO BRASIL



Modas da Revista — 1 e 2 —

Toilettes de outomno, ultimos figurinos de Londres e Paris, enfeitadas com applicações de «passemanterie» e bandas em bordado japonéz. A primeira é elegantissima na sua simplicidade.

tatua. O que a velhinha rezou!... Avistou outra vez Nossa Senhora, mas agora a chamal-o, e vieram dois anjos e levaram-o pelos ares num instante, batendo as azas de que se pôz a cahir um pó dourado.

O poeta olhou cá para baixo e viu toda a cidade muito pequenina e na praça principal muita gente, que parecia um formigueiro, em volta de um monumento novo; viu no ar umas bolhinhas de algodão muito branco, que logo desapareciam e eram o fumo das girandolas. Uma das formigas tinha um papel na mão e lia. Como estava lá muito em cima, o poeta piscou os olhos para ver melhor e reconheceu-se em cima de uma columna, que era como a vela de um throno de Santo Antonio, de cabellos ao vento e com um livro na mão.

E os anjos começaram a cantar o hymno que elle compuzera, e todos os santos sorriam e cá em baixo a velhinha rezava.

João da Camara.

O Salão dos Gobelinos. — A manufactura dos Gobelinos abriu no dia 1 do corrente o seu primeiro Salão. Poderão os estudiosos acompanhar agora, passo a passo, o historico e o progresso da fabricação dos Gobelinos durante tres seculos (1602-1902).

Occupa, no Grande Palacio, as dez salas do primeiro andar que se acham no alto da escada principal e constituíam o Salão dos Artistas Francezes. No salão de entrada estão expostas as tapeçarias do reinado de Luiz XIV, entre as quaes: *l'Histoire du Roi*, *l'Histoire d'Alexandre, le Triomphe des Dieux*, de Lebrun; *l'Histoire de Constantin*, de Poussin e Lebrun; *l'Histoire de Moise*, segundo Mignard, etc.

As salas situadas na ala direita do Grande Palacio são consagradas ás tapeçarias do seculo XVIII: a serie *Don Quichote*, de Coypel; de *Esther*, de Troy; *Chasses de Louis XV*, d'Andry; *Pastorales*, de Boucher; *Costumes Turcs*, de Van Loo.

Finalmente, nas salas da esquerda, as tapeçarias anteriores a Luiz XIV e as do seculo XIX. Destas, as mais importantes são as do Imperio, Escola de Lebrun e as do grande pintor-decorador Baudry.

Se um pensamento ou uma obra não interessam senão a poucas pessoas, poucos fallarão de um ou da outra.



Off. do JORNAL DO BRASIL

VELO CLUB — Breve — Vencedor do Grande Premio Sete de Setembro.

SCHERZO...

ERA alli, no tapete esmeraldino do campo, todo banhado de luz, todo tresandando a flôres, ao som de uma cavatina de passaros alegres, que eu sempre as via, aquellas lindas criancas loiras, muito loiras, rosas na face, risos na bocca, a bailarem gostosamente, garrulamente...

Era alli! Todos os dias a minha alma explodia de prazer ao velas, mãos dadas pra cá, pra lá, naquella infantil bailado da alegria!...

Hoje, por mais que fite o tapete esmeraldino do campo, não as vejo mais; todas foram-se; o campo é deserto. A luz que o banha, parece-me a luz de dois cirios; onde havia flôres, nasceram goivos e cyprestes; mûchos piam sinistramente. E de pé, como a imagem dolorosa da Magua, vejo apenas uma criança...

Essa é pallida, veste negro, não tem rosas na face nem risos na bocca. Dois lyrios cercam-lhe os olhos; dois lyrios que ella sempre os rega com um chuveiro de lagrimas.

E a minh'Alma aperta-se numa tristeza infinita ao vela; esperando sempre que volte o bando garrulo das outras lindas, loiras, para recomçarem o bailado.

E espera sempre...

— Sonhadoras Almas!

Bem haveis de comprehender que aquellas criancas loiras são as nossas illusões, que bailam, bailam e partem para nunca mais voltar.



Antonio Burlamaqui de Campos Nunes

Os esposos protagonistas da triste scena de amor conjugal que se desenrolou segunda-feira ultima na casa n. 60 da rua Pão Ferro, na qual Antonio Burlamaqui, vendo a esposa agonizante, dá dous tiros na cabeça, encontrando a morte junto ao cadaver de d. Abigail Nunes.



D. Abigail Francisca de Bastos Nunes

E a que fica, aquella que veste negro, é a Saudade, é a tristissima Saudade que nos aprisiona a Alma, pungentemente, dolorosamente...

Antonio Felix.

Um legado de oito milhões! — Em França, o sr. Huit, de Reims, legou á cidade de Paris, para o Petit Palais, uma collecção de estampas, quadros, objectos de arte e antiguidades, avaliada em mais de cinco milhões, além de tres milhões em dinheiro e valores.

SURGE ET AMBULA

Garrett empunha o latego e fustiga
Os morcegos d'arcadia somnolenta;
D'entre as brumas do exilio o sol rebenta
E doira os horizontes d'alma antiga.

Nasce a poesia em borbotões das fontes
Mais remotas da raça portugueza
E um novo cantor accorda a natureza
Que enche de flôres naturaes os montes.

Garrett, v. lta de novo e empunha o leme.
«Camões», a «D. Branca», o «Alfageme»
Levar-nos-ão á terra promettida.

A alma litteraria erra sem norte.
Vivo, arrancaste-a n'outro tempo á morte,
Tu podes, morto, ainda chamal-a á vida.

Conde de Monsaraz.

Entre mamãs... andaluzas.

— Parece que o seu filho anda muito adiantado no solfejo.

— Sim, filha, muito! sempre teve bom ouvido. Quando era pequenino, ainda no berço, quando lhe chegavam um diapasão ao ouvido... chorava em lá bemol.

No gremio.

— Você anda muito no automovel?

— Muitissimo. Tanto que já não admitto outro modo de locomoção.

— E o que fazem os seus cavallos?

— Cruzam os braços.

ALMIRANTE WANDENKOLK

Illustre official da marinha de guerra brasileira, almirante Eduardo Wandenkolk, fallecido no dia 4 do corrente, nasceu a 29 de junho de 1838, no Rio de Janeiro, sendo seus paes o capitão de mar e guerra José Eduardo Wandenkolk e d. Martinha Gomensoro Wandenkolk.

Sentou praça a 22 de fevereiro de 1853 e era almirante desde 7 de abril de 1892; serviu a seu pedido na esquadra em operações no Paraguay, assistindo ao sitio de Uruguayana; dirigiu a passa-

gem do 3º corpo do exercito no Passo de São Borja; forçou, a bordo do *Bahia*, as baterias de Humaytá e Timbó, sendo elogiado pelo Imperador D. Pedro II; tomou parte no combate contra as baterias de Angustura; fez varias viagens em commissões importantes, exerceu commandos de divisões, etc.

Por decreto de 5 de julho de 1888 foi agraciado com a medalha de merito militar, por actos de bravura praticados durante a campanha do Paraguay, competindo-lhe tres passadores e tinha mais as medalhas da campanha oriental, rendição de Uruguayana, passagem de Humaytá; era cavalleiro da Ordem da Rosa, tinha a medalha da Real Ordem Portugueza de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Ordem de Aviz e medalha de Merito Militar, por bons serviços prestados durante mais de 30 annos.

Foi ministro da marinha e do interior do governo provisório e era

chefe do estado maior general da armada.

O seu funeral foi acompanhado por pessoas de todas as cathogorias sociais, recebendo o governo pezames das mais altas personalidades.

RECEBEMOS:

— Convite para o magnifico baile que hontem se realizou nos salões do Club Euterpe;

— Convite para a inauguração da fabrica de sorvetes dos srs. Salvador Spinelli & C., á rua do Lavradio;

— O n. 1, do 1 anno, da *Revista da Bahia*, magnifica publicação quinzenal que sob a direcção dos srs. Odalberto Pereira, Eduardo Saboia e Henrique Cancio se edita na capital do Estado de que tira o nome;

— Convite do Club dos Diamantinos para a esplendida *matinée dansante* que realizou no dia 5 do corrente.

Um pobre empregado, cyclista teles, cae para debaixo de um automovel.

Soffre unicamente algumas contusões e dizem-lhe que não ficou esborrachado graças ao sangue frio da conductora, jovem fidalga muito rica.

E exclama com gratidão entusiasta:

— Salvou-me a vida! Estou prompto a casar-me com ella.



Militão Vaz da Rosa, o sentenciado que ha dias enforcou-se na Casa de Correccão, onde compria a pena maxima, a que fôra condemnado, ha cerca de seis annos, por ter offendido e assassinado uma menor de 10 annos de idade, na freguezia de Guaratiba.



Visconde de Entre Rios

O exmo. sr. Antonio Barroso Pereira, visconde de Entre Rios, que ha pouco completou 84 annos, filho do barão do mesmo titulo, tem prestado grandes serviços ao seu Estado natal, onde é importante fazendeiro.

Fez donativo de dez contos ao fallecido Bispo do Pará, para os asylos mantidos por aquelle prelado e tem-se dedicado muito aos asylos do Amparo e de Santa Isabel, do Estado do Rio.

Construiu a egreja da Conceição de Entre Rios e dotou esta cidade com a agua necessaria ao abastecimento da população, donativo avaliado em 150 contos.

O finado Imperador condecorou-o com a commenda da Rosa pela execução que deu ao testamento de sua irmã, a condessa do Rio Novo.

Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 126

DOMINGO, 12 DE OUTUBRO

Numero : 300 réis



CLAMA NE CESSSES!

— Continúa o gajo a fazer festinhas ao Acre e eu continuarei a ser a triste sombra do que fui outr'ora?

RAOUL DE NAVERY (108)

OS IDOLOS

XVIII

O IDOLO DESPEDAÇADO

— Durante seis mezes, passaria a vida antiga.
— E depois? perguntou Xavier.
— Depois! Muito bem! Ter-me-ia feito soldado de Africa.
— Não me acudiu nenhuma dessas idéas, respondeu Xavier; tendo 30.000 francos de capital; procurei viver da renda.
— Com 1.500 francos por anno?
— Não me vedei o trabalho proprio.
— Mas, tu, nada sabias fazer, Xavier.
— Não sabia, mas aprendi.
— O que, pois?
— A escripturação mercantil, e faço a caixa da minha officina!
— Que boa caçada! disseram em côro os rapazes.

— Pensas, tambem, que gracejo? Perguntou Xavier a Benedicto.

— Não, respondeu este, com voz commovida.
— Vejamos, meus caros, disse Xavier com uma especie de bonhomia, a que se mesclava algum resentimento, temos o costume de dizer de nós e dos outros, enquanto andamos semeando dinheiro a torto e direito, que *levamos vida alegre*. E' falso, inteiramente falso! A verdade é que não recebemos a menor alegria em troca de nosso diaheiro. Vendem-nos uns acepipes de cosinha falsificada, com sabor á custa da pimenta e do cari; dão-nos a beber vinhos que causam gastralgias, das quaes resulta viverem os medicos á nossa custa. Os nossos ginetes não são os que primeiro chegam nas corridas. As cartas são-nos infieis. Passamos as noites a dizer tolices, ou a remanusear pedaços de cartas! Os joalheiros escarnecem de nós. Aos trinta annos não temos mais fortuna, nem cabellos, nem illusões! Fica nos a chance de podermos ter um remate, isto é, casarmos, nós, avelhantados, desilludidos, com uma honrada moça, que não podemos comprehender, e que nos desprezaria se lhe narrassemos a vida que passamos; e ainda este pretendido remate é um meio de ressuscitar para as corridas, os bastidores e o lansquenet. No fim de um anno já não se faz caso da companheira, e existe no mundo mais uma moça infeliz. Pois bem! eu procedi, eu, á maneira dos selvagens de certas partes da Oceania. Têm idolos para os quaes acham que todo o sacrificio é pequeno. Tudo lhes é immolado. Enchem-no de presentes, dirigindo-lhe ao mesmo tempo votos offegantes, mas se por acaso o idolo não preenche os desejos de seus adoradores, se elle recebe incensos sem os pagar em gozos, em glorias guerreiras, em felicidades caseiras, o selvagem arranca-o do altar, cobre-o de escarros e insultos, calça-o aos pés, e acaba por precipital-o em uma fogueira ou lançal-o ao mar. Fiz como elles: os idolos enganaram-me, escarnei e quebrei os meus idolos!

— E julgas te feliz? perguntou Benedicto.

— Completamente. Readquiri o somno, a saude, o bom humor. Interesse-me por uma multidão de cousas, de que mal suppunha o valor. Outr'ora vivia como filho de familia inutil, e agora já sirvo para alguma cousa.

— Quem operou esse milagre?

— Primeiramente, meu irmão, respondeu com gravidade Xavier; e depois uma joven.

— Uma joven!

— Ainda não vos confiei tudo o que tenho a dizer-vos. Vou casar-me...

— Com uma herdeira rica?

— Com uma orphã pobre. Nada tenho; ella não m'o lançará em rosto.

— Como se chama?

— Tem um nome obscuro: Luiza Dubois. Não a conhecem. Seu pae era um santo homem, que foi durante quarenta annos nosso caixa.

O esculptor apertou a mão de Pomereul.

Os moços comprehenderam que o almoco, tão alegre, a conversa tão chistosa, iam substituir-se por uma conferencia grave e despediram-se de Benedicto, cujo coração bateu fortemente quando se viu a sós com Xavier.

Havia dois annos que estes dous jovens não se tinham tornado a ver.

Durante a guerra, Benedicto alistára-se entre os combatentes; quando voltou a paz e a confissão de João Machú restituiu a honra e a liberdade a Xavier, Sabina supplicou a seu irmão que não tornasse a ver Benedicto.

Este nome causava-lhe sempre no coração surdo soffrimento.

Ella sabia que elle tentara esquecer; que o talento tão puro de que ella se orgulhava mudára de caminho; os jornaes annunciavam-lhe o futuro exito de seu noivo e desde então cavára-se um abysmo entre ambos.

Em demasia sensível para não soffrer muito, em demasia corajosa para não lutar com essa dôr, esforçava-se por escondel-a a todos. Xavier, porém,

não se deixou enganar pela fingida tranquillidade de Sabina, e apesar das recommendações de sua irmã, de suas promessas, quiz saber, se, pelo seu lado, o esculptor não escondia secreta ferida no fundo do coração.

O primeiro olhar, as primeiras palavras do moço lhe revelaram a verdade. A maneira por que lhe tomou as mãos, o afan com que exclamou: Tu! bastaram para provar a Xavier que a recordação de Sabina sobrevivia ás fraquezas do moço.

Apenas os amigos do esculptor deixaram Benedicto, este perguntou, com voz sensibilizada:

— Porque te demoraste tanto?

— Sabia-te occupado, feliz, disse Pomereul.

— Feliz! repetiu Benedicto, abanando a cabeça.

— Amanhã é a abertura da exposição; amanhã expõe-se a tua obra aos olhos do jury, e de magnifica ante-mão se está applaudindo o teu exito. Serrei, então, o unico que não verei delidamente essa maravilha de arte moderna?

Benedicto apontou para o grupo de marmore.

— Vae vel-a, disse.

Emquanto Xavier examinava a fonte, o esculptor ficou sentado sobre um divan, com a cabeça entre as mãos.

Xavier demorou-se por muito tempo deante da obra de seu amigo. Quando tornou a tomar o lugar, junto de Benedicto, contentou-se em dizer:

— E' bello, realmente bello!

Disse-o, porém, sem entusiasmo, e a tristeza de seus pensamentos trahia-se no timbre da voz.

— Não mintas! disse-lhe Benedicto, em voz turbada. Tenho necessidade de ouvir de tua bocca uma verdade terrivel, mortal talvez, mas quero-a saber em todo o risco, embora ella acabe de despedagar-me o coração: Sabina não me ama mais...

— Sabina, pelo menos, renunciou a ti.

— Nunca me amou! disse Benedicto com explosão. Ella a tudo me sacrificou; a seus sonhos e a seu orgulho principalmente.

— Não te comprehendo, disse Xavier.

— Não era o orgulho que a impellia a romper os ajustes formados por seu pae? O que lhe pedia eu na hora em que a desventura e o luto a esmagavam, senão que se mostrasse leal e mantivesse seu juramento?

— Queres exprobar-lhe o excesso de sua generosidade?

— Sim, respondeu Benedicto com energia; ella não tinha o direito de chorar á sós.

— Ella não devia deshonrar-te.

— Fez peor; perdeu-me.

— Perdido, quando amanhã estarás celebre!

— Celebre! Celebre! Ah! tu como os outros, não teres senão esta palavra nos labios! E o que farei eu dessa celebridade? A quem offerecerei essa gloria? Verei um rosto colorir-se de alegria com a idéa do meu triumpho? Não! Não! Trabalhei, e affirma-se que eu consegui, mas trabalhei com soffrimento, com uma especie de raiva. Quiz a gloria para me vingar, e apanhei-a em qualquer parte. Crês tu, que eu perdoo a mim mesmo, Xavier? Nunca! Amanhã, esta estatua não me pertencerá mais, daqui a seis mezes, ella attrahirá, em plena luz, o povo curioso, e esta obra impura me tornará rico, sem conseguir fazer-me feliz! Ah! como era casta e pura a gloria que outr'ora procurava para offerecer a Sabina! As santas corôas offerecidas, não á uma deusa pagã, mas a alguma virgem divina, onde estão? Acabou-se! Quiz o que ali está! e agora não posso mais recuar.

Benedicto levantou-se e, arrancando o panno que cobria a imagem de Santa Cecilia:

— Olha este barro, disse, seria digno de mim e della. Vi Sabina tão bella como esta Santa Cecilia, na noite em que ella cantou *O Jesu de Haydn*; que ella não repilirá jamais! jamais!

A emoção suffocou as palavras na garganta do esculptor. Ainda ensaiou lutar, resistir, mas foi em vão, os soluços dominaram-no e lançou-se nos braços de Xavier, exclamando:

— Meu irmão! meu irmão!

O seu joven amigo tambem estava com os olhos arrazados de lagrimas.

— Compreendo-te bem, disse; fui muito fraco, para ter o direito de te censurar. Aqui eslava a *santa*, lá o *idolo*, e foi aos pés do idolo que te ajoelhaste...

— Xavier, interrogou Benedicto, com a sua dolorosa exaltação, nada poderá, pois, abrandar Sabina, nem promessas, nem arrependimentos, nada?

— Poderá ella entrar aqui? perguntou Pomereul, designando os grupos, as estatuetas que enchiam a officina.

— Não, não, bem o sei. Se eu, porém, purificasse o santuario em que ella prometteu viver, se expellisse o idolo do templo, se o quebrasse com o mesmo cinzel que o arrancou do nada, Sabina voltaria?

— O que vaes fazer? gritou Xavier, assustado, vendo que seu amigo pegára em um pesado malho.

— Espera, disse Benedicto. Pereça a minha falsa gloria! e que o exito de amanhã fique extinto, se é necessario compral-o á custa de tantos soffrimentos e remorsos.

— Esta obra, porém, é uma obra de talento!

disse Xavier, tu lastimarás a exaltação deste instante, tu nunca me perdoarás, e Sabina...

— Voltará, ella, ou não? perguntou pela ultima vez Benedicto.

— Sim, respondeu Xavier Pomereul.

Então, um barulho horrivel retumbou pela officina; o malho de Benedicto batia no grupo, com o qual ainda na vespera esperava tanta gloria e alegria; o joven Hylas, as Nymphas saltavam em estilhaços, na presença de Xavier, consternado, que cogitava sobre se Benedicto cedia a um accesso de loucura ou sómente á voz imperiosa de sua consciencia.

Poucos minutos depois, não restava dessa fonte de marmore de Carrara, senão destroços informes, que juncavam o pavimento da officina. Ao lado dos estilhaços de marmore, dos restos mutilados dessa obra soberba, Benedicto, por sua vez, cahiu fulminado.

Xavier foi chamar Beppo a toda a pressa; deixaram o esculptos sobre o divan da sala dos fumistas; depois Pomereul, tendo baixado as corlinas que separavam o resto da officina, lançado o braçado de flores, offerecidas primeiro a Aphrodite, aos pés da Santa Cecilia, sahiu em seguida da casa n. 11 do boulevard de Clichy, saltou para um carro de praça e disse o destino ao cocheiro.

— Arrebenta os cavallos, disse-lhe; eu os pagarei.

O carro rodou como um furacão.

Xavier subiu ao aposento de sua irmã, apanhou um véo de renda hespanhola, envolveu Sabina em suas dobras, tomou-lhe o braço debaixo do seu e a arrebatou.

— Para onde vamos? perguntou a moça.

— Vem, disse-lhe com voz suave e imperiosa ao mesmo tempo.

Sabina obedeceu, sem comprehender bem o que fazia.

Não procurou ver por que ruas passava a carro. O coração batia-lhe, mas ella não fez perguntas.

Quando o cocheiro parou no boulevard de Clichy, quando Sabina, penetrando no pateo, reconheceu, pelas disposições da casa, que ella era especialmente habitada por artistas, ficou enleada.

Então, apertando com receio a mão de Xavier:

— Para onde me conduzes, perguntou ainda,

— Vem! repetio elle, levando-a mais depressa.

A porta da officina estava entreaberta, Xavier empurrou-a sem barulho e Sabina comprehendeu emfim que estava em casa de Benedicto Fougerais.

Então, quiz escapar-se.

— Fica! disse-lhe Xavier; não seria mais altivez, mas tração; virtude, mas perjurio.

Depois, levantando um fragmento do grupo, uma encantadora cabeça de criança, modelada com a maior delicadeza artistica e que bastaria para fundar o futuro de Fougerais:

— Isto, disse-lhe, fazia parte de uma obra prima que teus olhos não podiam encarar.

— Ah! disse Sabina, cujo rosto resplandeceu.

— Agora, proseguiu o moço, abrindo o orgão collocado na officina, assenta-te alli Sabina, e canta.

(Continúa.)



RECREAÇÕES

As soluções dos trabalhos publicados no nosso numero passado são as seguintes:

Da charada antiga, *Ambiente*; do logogrifho crescente por letras, *O, Or, Oro*; e da charada passiva, *Cadoo*.

Caveirinha, Huron, Nhasinha, Clio, Tenente Facho, Maritana, Albatroz, Villaraza, Itaperuna, Vernet, Achilles e Quininha solveram todos os tres problemas: Major K., Dum-Dum, Brillhante, K. Macho, Fritz e Dunquinha o primeiro e ultimo; K. Lunga, Meteoro, Fakir, Cardiff e Mavioso os dous primeiros; Vaillan, Bergeret, Diabolina, Bulimat, Trovador e Rademeker os dous ultimos.

Para hoje apresentamos:

LOGOGRIFFHO POR LETRAS (Victor Ferrer)

Apanhei fructo gostoso — 4, 5, 7, 11

Numa rede de pescar, — 7, 10, 1, 9, 11

Na medida, ó Mavioso, — 9, 2, 6, 3

Bella planta fui achar.

PERGUNTA ENIGMATICA (Rubinal)

A espada tem cabo?

CHARADA NOVISSIMA (Ilapoan)

Guarany-Club

2 — 1 — Na cidade sueca nota um rio americano.

CORRESPONDENCIA

Beduino, Victor Ferrer, Miss Fortune, Airamserod, Vagalume, Sarcey, Mazarino e Luzilano. — Recebemos.

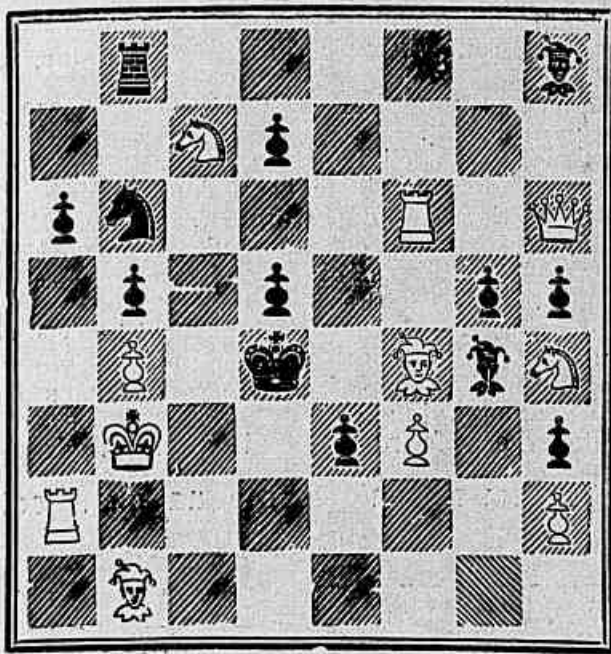
Archimedes Junior.

XADREZ

PROBLEMA N. 173

A. Souza Campos Junior (S. PAULO)

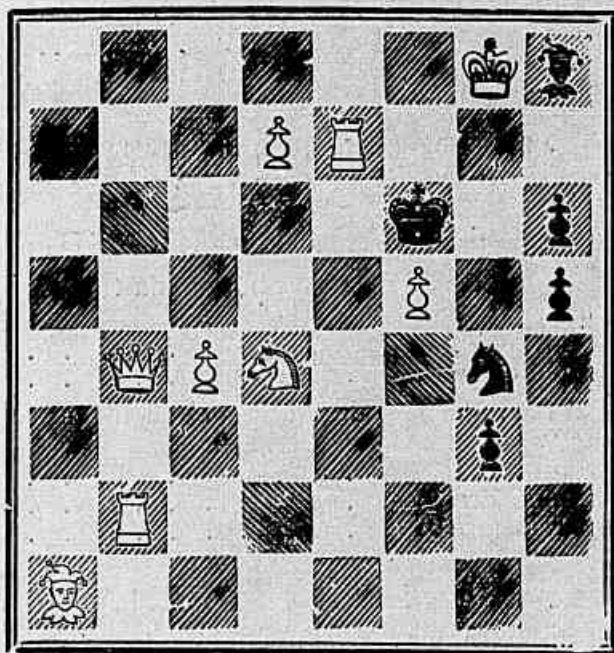
Pretas (13)



Branças (11) — Mate em 2 lances

PROBLEMA N. 174 — A. F. Mackenzie (PRAGA)

Pretas (6)



Branças (9) — Mate em 3 lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 169 (H. Pech)

1 B 3 B (Jogada inicial) 6 variantes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 170 (V. Marin)

1 D 4 C, C 6 R; 2 T 4 T! etc.
 1 C (5 B) move; 2 C 4 C x etc.
 1 R 3 B; 2 D x C x etc.
 1 C 4 C; 2 D 7 D x etc.
 1 P 4 C, etc; 2 T 4 D x etc.

Resolvidos pelos srs; Roberto De Vincenzi, mlle. B. E. Vedo, C. De Vincenzi, Theo, Silvano, dr. Hentz, Alipio de Oliveira, Salvio, Jofemo e Anto. N. 169: Arthur C. Guimarães (Barbacena) dr. J. T. Nabuco (Campos) Andra Dino (Sanjos), Caissano e K. R.

«MATCH» BRASIL-ARGENTINA

Deve realizar-se brevemente um segundo match pelo telegrapho entre o Club dos Diarios desta cidade e o Club del Progreso de Buenos Aires, nas mesmas condições do que teve lugar o anno passado, cujo ruidoso successo está ainda na memoria de todos.

Sabemos que a digna administração da «Western Telegraph Company», do mesmo modo que da primeira vez, promptifica-se gentilmente a ligar directamente esses dois clubs.

Opportunamente trataremos mais amplamente do assumpto.

«MATCH» DE XADREZ

Com um total de tres pontos, isto é, duas partidas ganhas e duas empatadas, coube ao dr. José Piza a victoria do match disputado ultimamente em S. Paulo com o sr. Souza Campos Junior, a que nos referimos no numero passado.

Caso o sr. dr. Piza acceite o desafio que lhe foi dirigido, será ainda jogado um match definitivo entre esses dois amadores, pois allega o sr. S. Campos ter estado indisposto de saude nesse ultimo encontro, ocasionando isso a perda de uma Torre na terceira partida e o abandono da Dama na quarta, depois de ter superioridade de posição sobre o adversario.

Damos abaixo a primeira partida do match, jogada a 29 de setembro findo, que extrahimos do *Diario Popular* daquela cidade.

Partida n. 59 — Ruy Lopez

Branças (Dr. J. Piza)	Pretas (S. Campos)	Branças (Dr. J. Piza)	Pretas (S. Campos)
1 P 4 R	P 4 R	39 T 1 B R x	R 2 C
2 C 3 B R	C 3 B D	40 T 6 B	D x D
3 B 5 C	P 3 D	41 T x D	T 2 T
4 C 3 B	B 2 D	42 R 3 C	P 4 T D
5 P 3 D	C 3 B	43 T 6 C D	T 2 B D
6 Roque	P 3 T D	44 P x P	T 6 B x
7 B 4 B D	B 2 R	45 R 4 B	T x P T D
8 P 3 T D	B 5 C	46 T x P C D	T 7 T
9 P 3 T	B x C	47 P 4 C	R 3 B
10 D x B	C 5 D	48 T 6 C x	R 2 R
11 D 1 D	Roque	49 P 6 T	T 4 T
12 P 4 B	P 3 B	50 T 7 C x	R 3 B
13 C 2 R	C x C x	51 P 5 C x	R 3 R
14 D x C	P 4 C D	52 P 7 T	T 5 T x
15 B 2 T	T 1 R	53 R 3 R	R 4 B
16 P 5 B	P 4 D	54 P 4 T	R 3 R
17 T 3 B	P x P	55 T x P	R 4 B
18 T 3 C	P x P	56 T 7 B R x	R 5 C
19 P x P	B 4 B x	57 T 4 B x	R 4 T
20 R 1 T	D 2 D	58 T 7 B	T 6 T
21 B 5 C	C 4 D	59 R 4 D	R x P T
22 B x C	P x B	60 R 5 B	R x P
23 B 6 B	P 3 C	61 R 6 C	R 5 T
24 D 5 T	B 1 B	62 T 4 B x	R 4 T
25 T 1 B R	B 2 C	63 T 8 B	P 4 C
26 P x P	P B x P	64 T 5 B	T x P
27 B x B	D x B	65 R x T	R 5 T
28 D 4 C	P 5 R	66 R 6 C	P 5 C
29 P x P	T x P	67 T 8 B	P 6 C
30 D 5 C	T 4 R	68 T 8 T R x	R 5 C
31 D 2 D	T 1 B R	69 R 5 B	R 6 B
32 T 1 D	T 1 D	70 T 8 B R x	R 7 R
33 T 3 D	P 5 D	71 T 8 R x	R 7 B
34 T x P	T x T	72 R 4 D	P 7 C
35 D x T	T 8 R x	73 T 8 B R x	R 7 R
36 R 2 T	D 2 B D x	74 T 8 R x	R 8 B
37 D 6 D	T 2 R	75 T 8 B R x	R 7 R
38 P 4 C D	R 2 B		Partida empalada.

CORRESPONDENCIA

C. Benevides. — Agradecendo as bondosas referencias de sua ultima carta, asseguramos-lhe que nos penhorará a sua collaboração, podendo começar desde já a remetter soluções dos problemas publicados.

Dr. J. T. Nabuco (Campos) — A sua correspondencia será sempre recebida com o maior prazer por esta secção que faz votos pela sua assiduidade.

A. C. Guimarães (Barbacena) — Não ha prazo marcado para o recebimento das soluções, pedimos-lhe entretanto, que nos envie o mais tardar, até o primeiro sabbado, toda a correspondencia referente ao ultimo numero distribuido, visto a antecedencia com que necessitamos redigir a secção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54, «Secção de Xadrez».

Heibas.

Emulsão Scott
Alimento Completo

A Emulsão de Scott, por seus componentes de oleo de figado de bacalhau e hypophosphitos de cal e soda, é um dos alimentos mais completos para a economia humana.

E, um excitante da nutrição. Se absorve pela fibra muscular, sendo um grande renovador dos tecidos e dos principios albuminoideos fundamentaes, expulsando as toxinas bacterias infecciosas e seus productos. Purifica totalmente o sangue, e é por reunir essas propriedades que a

Emulsão de Scott

deve empregar-se sempre na tuberculose, a anemia, o rachitismo, o embrandecimento dos ossos e em geral em todas aquellas enfermidades que necessitam um alimento completo.

Por seu estado gorduroso nutre os pulmões. Por sua assimilação, augmenta os globulos do sangue. Pelo phosphoro que contém, nutre o cerebro.

O Phosphato de cal e de soda nutre os ossos e a cal calcina os tuberculos.

Razão porque o é um alimento completo.

SCOTT & BOWNE, Chimicos, Nova York.

A' venda nas Pharmacias e Drogarias.

7P

MARCA REGISTRADA

Previne-se no publico que o legitimo ALLIUM traz esta marca, e aborta ou cura Influenza e constipações em 1 a 3 dias. Nas pharmancias de 1.ª ordem e

RUA DOS OURIVES N. 88 — RIO DE JANEIRO

EN S. PAULO — BARUEL & C.

OFF. do JORNAL DO BRASIL

QUEDA DO CABELLO

Se quereis ter o vosso cabelo sempre abundante, macio e lustroso, usae a almadada

ESAULINA OLIVEIRA JUNIOR

poderosa loção tonica e anti-septica para a cabeça.

NO RIO DE JANEIRO

Oliveira Junior & C. e Arango Profetas & C.

Cattete 231 Ourives 114

SOCIEDADE BENEFICENTE
MENDES DE ALMEIDA

Por 18000 mensaes, pagos em trimestres adiantados, e diploma, os socios desta humanitaria sociedade gozam, desde já, estando quites, das seguintes vantagens:

Medico, medicamentos, dentista, advogado, trato de papeis de casamento, enterro e luto.

SÉDE E CONSULTORIOS

3 Rua Gonçalves Dias 3

SOBRADO

Secretaria: RUA GONÇALVES DIAS n. 56, Sobrado — RIO DE JANEIRO

DOR DE DENTE

Sua cura em um minuto PELO

ODONTALGIGO

OLIVEIRA JUNIOR (INSTANTANEO)

No Rio de Janeiro: Oliveira Junior & C., Cattete n. 231 — Araujo Freitas & C., Ourives n. 114.

PULMONAL

EXCLUSIVAMENTE VEGETAL

Cara a tuberculose, asthma e qualquer bronchite

Bons dez annos levou, na espinha, tísico, José Fernandes de Amorim Leal, Hoje que cores, que vigor, que physico A quem os deve? E' boa! Ao PULMONAL.

Preço vidro 3\$000

AOS DOENTES DA PELLE

Extracto liquido de Salsaparrilha Composto
DE REBELLO & GRANJO

Approved pela exma. Junta de Hygiene

Este excellente depurativo do sangue, que já tem curado muitos milhares de enfermos, como se vê dos seus respectivos attestados, encarecendo o seu alto valor therapeutico, é multissimo recommendado pelos srs. medicos no tratamento da syphilis em geral, curando radicalmente as erupções cutaneas, em-pingens e darrthros, ulceras sarnosas ou pustulosas, boubas, cancos, bubões e engorgitamentos chronicos, opthalmias syphiliticas, chagas da bocca, da garganta, etc., é tambem muito efficaz nas dores dos ossos, nos rheumatismos, syphilis e impureza do sangue.

Encontra-se na pharmacia GRANJO á

40 B, RUA PRIMEIRO DE MARÇO 40 B
(FABRICA)

Esquina da rua S. Pedro
CAPITAL FEDERAL



A exma. sra. d. Firmina Maria da Conceição, residente á rua do Lavradio n. 99, esteve desenganada pelos medicos, deitando sangue pela bocca, escarrando pús com máo cheiro, tendo febre constante, muita tosse e magreza extrema.

Está curada ha seis annos pelo JATAHY, de HONORIO DO PRADO

Este milagroso remedio tem produzido mais de 500 curas eguaes a esta.

Vidro . . . 2\$000

Deposito geral: Rua dos Andraças 59

MOLESTIAS DA PELLE

Recommenda-se ao publico o **Licor** e o **Sabonete antierpeticos**, os unicos especificos para o tratamento das empigens, darrthros, sarnas, borbullhas, manchas da pelle, sardas, caspas e comichões. As numerosas curas que se têm obtido com estes preciosos remedios, autorizam-nos a garantir a cura radical destas terriveis molestias.

Vendem-se na pharmacia BRAGANTINA, á rua Uruguayana n. 103.

ESTOMAGO — O Elixir estomacal de Camomilla e Gen-ciana é o remedio mais poderoso para combater todos os soffrimentos do estomago. Milhares de pessoas têm sido curadas com este maravilhoso remedio.

Vende-se na pharmacia BRAGANTINA, á rua Uruguayana n. 103. Preço 1\$500.

FIGADO E BACO — As pilulas anti-biliosas purgativas do dr. Murillo, approvadas pela Junta de Hygiene, são de um effeito prodigioso nas obstrucções do figado e baco, hemorroidas, dyspepsias, prisões de ventre, dores de cabeça, febres intermitentes e hydropsias.

Vendem-se unicamente na pharmacia
BRAGANTINA

103 RUA URUGUAYANA 103
CAIXA. . . 1\$500

DINHEIRO CERTO

Ah; como os tempos são duros,

E como custa cavar,

Com que sustos e em que apuros,

O feijão para o jantar!

Não ha projectos seguros.

O cobre custa apanhar.

Mas tendes, todos, um meio

Infallivel de o ganhar:

Comprar titulos sem receio,

A ECONOMICA, e esperar.

35 RUA NOVA DO OUVIDOR 35

LOTERIAS DA CANDELARIA

Em beneficio do Recolhimento de N. S. da Piedade

Sob a immediata responsabilidade da mesma
Irmandade, decretos municipaes ns. 543, de 7 de maio de
1898 e 779, de 3 de novembro de 1900

EXTRACÇÃO, Quinta-feira 16 do corrente

A's 2 1/2 horas da tarde

88 RUA DOS OURIVES 88

PREMIO MAIOR

20:000\$000

87ª loteria—19ª do plano n. 10

Só jogam 5.000 bilhetes a 10\$000, divididos
em decimos de 1\$000

Dá-se vantajosa comissão aos agentes do interior e
dos Estados.

Acceitam-se pedidos de numeros certos para todas
as loterias. Os pedidos do interior devem vir acompa-
nhados do respectivo sello. As encomendas são res-
peitadas até á vespera do dia da extracção. As vendas
verificam-se até uma hora antes da extracção.

Agencia geral: 88 RUA DOS OURIVES 88

O agente geral, JOAQUIM JOSÉ DO ROSARIO

COMPANHIA

DE

Loterias Nacionais do Brasil

SEDE: CAPITAL FEDERAL

RUA NOVA DO OUVIDOR 29 e 29 A

Caixa do Correio n. 41

Endereço telegraphico — LOTERIAS

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

EXTRACÇÕES A RUA S. JOSE' N. 92

HOJE Sabbado 11 HOJE

A'S 3 HORAS DA TARDE

N. 40 — 37

50:000\$000

Inteiros 7\$500, decimos 750 réis

Sabbado, 8 de novembro proximo

ÁS 3 HORAS DA TARDE

N. 103 2

200:000\$000

Inteiros 15\$000

Meios 7\$500 — Vigésimos 750 réis

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes
de Camões & C., becco das Cancellas n. 2 A, endereço
telegraphico PEKIN, caixa do Correio 946 e Luiz Vel-
oso & C., rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço tele-
graphico LUZVEL, caixa do Correio 817, as quaes só
recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados
das loterias da Capital Federal e encarregam-se de
quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas
dircções.

Acceitam-se agentes no interior e nos Estados, dan-
do-se vantajosa comissão.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

DO

JORNAL DO BRASIL e da REVISTA DA SEMANA

«JORNAL DO BRASIL»

Uma edição, da manhã ou da tarde, separada-

mente:

Por anno 30\$000

Por semestre 16\$000

Duas edições, da manhã e da tarde, conjuncta-

mente:

Por anno 56\$000

Por semestre 28\$000

Por trimestre 15\$000

«REVISTA DA SEMANA»

Por anno (remessa com porte simples). 18\$000

Por anno (remessa registrada). 28\$000

Por semestre (remessa com porte simples). 10\$000

Por semestre (remessa registrada). 15\$000

Os assignantes das duas edições do Jornal do
Brasil receberão gratis, como premio, a Revista da
Semana. O assignante de uma só edição do Jornal
do Brasil receberá como premio o Anuario Illustrado
do Jornal do Brasil.

LU do dr. EDUARDO FRANÇA

ADOPTADA ATÉ NA EUROPA

Maravilhoso remedio, sem gordura e
sem máo cheiro, cura efficaz das moles-
tias da pelle, feridas, frieiras e suor fétido
dos pes e dos sovacos, com-
ichões, assaduras do cal-
lor, empigens, brotoejas,
sarnas, sardas, manchas
da pelle, panços, espí-
nhas, linha, mordedura de
insectos, queimaduras,
contusões, gol-
pes; faz a pelle
fina.

LI

Em injeções
cura as GONOR-
RHEAS, etc.

NA

PREÇO 3\$000 GO

DEPOSITARIOS

NO BRASIL

ARAUJO FREITAS & C.

114 Rua dos Ourives
e 90, Rua S. Pedro, 90

NA EUROPA

CARLO ERBA

MILÃO

Vende-se em todas as pharmacias e
drogarias

RIO DE JANEIRO

ATENÇÃO!

EM S. PAULO

Na grande livraria MELILLO & C., á rua S. Bento
n. 65, está estabelecida
a agencia da popularissima folha fluminense

JORNAL DO BRASIL

DA APRECIADA

REVISTA DA SEMANA

e dos romances editados pela empreza do

JORNAL

Na casa MELILLO & C., acceitam-se assignaturas e
encomendas para quaesquer trabalhos typographicos
e lithographicos, simples ou de luxo e a cores, modernos
clichés-retratos ou quaesquer reproduções de gravuras
em zincographia, photographia, galvanoplastia, photo-
zincographia, stereotypia, chromo-gravura, phototypia,
similigravura e typographia.

REPRESENTANTE GERAL

ANATOLIO VALLADARES

RUA S. BENTO N. 65, S. Paulo

LENHA ECONOMICA

De matta virgem, unica feita a ma-
chados mecânicos.

Para garantia das encomendas,
nas casas abaixo indicadas:

Rua dos Andraças n. 11, rua Larga
de S. Joaquim n. 133, rua da Candelaria
n. 28, rua de S. Pedro n. 57, rua Es-
cobar n. 40, rua Gonçalves Dias n. 48,
rua Frei Caneca n. 266, rua da Carioca
n. 144, rua Nova do Ouvidor n. 24.
Telephone n. 383. Fabrica: rua da
Alegria n. 11 A, 11 A. Numeros feitos
da propria lenha.

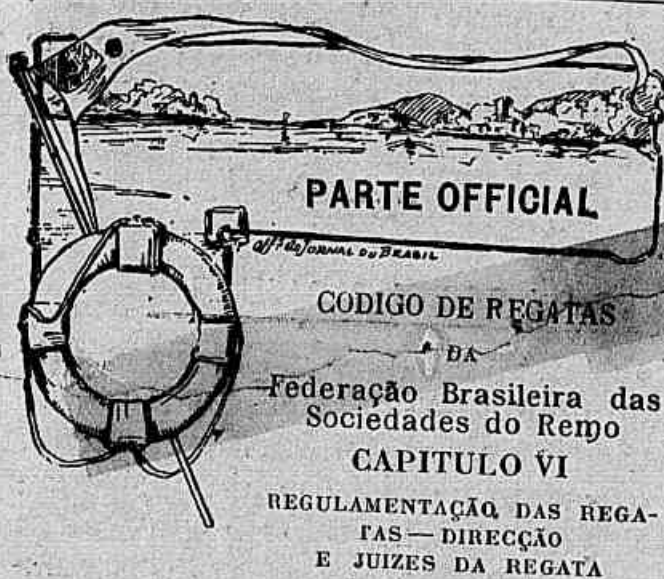


Orgão official da Federação Brasileira das Sociedades do Remo e dos centros nauticos federados

SUPPLEMENTO DA REVISTA DA SEMANA

DOMINGO 12 DE OUTUBRO DE 1902

O SPORT NAUTICO não se vende separadamente da REVISTA DA SEMANA, de que é suplemento e propriedade exclusiva.



Art. 77. Os juizes são obrigados a apresentar ao Conselho da Federação, na primeira sessão depois da regata, relatório circunstanciado sobre o desempenho de suas comissões.

Art. 78. Os juizes são obrigados a apresentar-se sempre com os seus distintivos para que sejam facilmente reconhecidos.

Art. 79. Em caso de duvida entre os juizes, não havendo maioria para decisão, estes recorrerão ao Conselho da Federação, que julgará, aceitando as razões de cada um dos juizes e dos patrões das embarcações concorrentes ou dos respectivos representantes das sociedades perante a Federação.

REGULAMENTAÇÃO DA CORRIDA

Art. 80. Meia hora antes da determinada para começar a regata, todos os juizes nomeados, os patrões ou os representantes das sociedades federadas, competentemente autorizados, deverão comparecer ao local da direcção da regata, afim de tirar á sorte a collocação das embarcações concorrentes aos pareos que tiverem de ser corridos.

Art. 81. Tirada a sorte, os juizes irão ocupar os seus postos, que não poderão abandonar, senão por motivo de força maior comprovada.

Art. 82. Um tiro de canhão anunciará que se vae iniciar a regata; outro tiro indicará a realização do primeiro pareo, dez minutos depois.

Paragrapho unico. Este tiro será repetido dez minutos antes da realização de cada pareo.

Art. 83. As embarcações concorrentes deverão achar-se junto aos postes de partida, que lhes tiverem cabido por sorte, á hora fixada no programma.

Paragrapho unico. A numeração dos postes será contada seguidamente da esquerda para a direita da linha de chegada, vista de frente.

Art. 84. O signal de partida será dado de accôrdo com o artigo 69 deste Capitulo, sem se attender aos retardatarios.

Art. 85. Será sujeita a punição toda a embarcação que não se alinhar na ordem devida, a que der duas ou mais sahidas falsas ou desobedecer ás ordens dos juizes de partida.

Art. 86. Durante a corrida as embarcações deverão conservar-se nas suas respectivas aguas, evitando perturbar ou impedir a corrida das outras concorrentes.

Paragrapho unico. E' terminantemente prohibido ás concorrentes correrem fora dos limites da raia.

Art. 87. A embarcação que durante a corrida embarçar, trancar, aborçar ou produzir avarias em qualquer competidora será sujeita a penalidade.

Paragrapho unico. Em caso de avaria, cujo valor será arbitrado por uma comissão nomeada pelo presidente da Federação, será responsavel a Sociedade a que pertencer a embarcação delictuosa.

Art. 88. Entende-se por *aguas de uma embarcação* o caminho natural, paralelo aos das outras embarcações desde a partida até á chegada, tendo sempre em consideração as balizas dos mesmos numeros.

Art. 89. *Abordagem* consiste no choque ou contacto de remos, de embarcações ou de tripolantes de duas ou mais embarcações.

Art. 90. E' prohibido aos concorrentes fazerem-se acompanhar, por qualquer forma, por outras embarcações com o fim de animar e entusiasmá-las a respectiva guarnição.

Art. 91. As guarnições devem o maximo respeito e consideração ás ordens e ás decisões dos juizes, sendo passíveis de penalidade as que transgredirem esta disposição.

Art. 92. As guarnições devem manter reciprocamente todo o respeito e consideração devidos a pessoas de boa educação, sujeitando-se a penalidades aquellas que porventura delinquirem contra esta disposição.

Art. 93. Em caso nenhum os accidentes ou avarias que se produzirem durante a corrida serão causa de anulação do pareo.

Art. 94. Serão consideradas vencedoras em primeiro e segundo logares, as embarcações que successivamente primeiro cortarem com a prôa a linha de chegada.

§ 1º. No caso de cortarem duas ou mais embarcações, ao mesmo tempo, a linha de chegada, serão consideradas empatadas.

§ 2º. No caso do paragrapho anterior proceder-se-á a nova prova entre as embarcações empatadas, no mesmo dia.

§ 3º. Se qualquer ou quaesquer concorrentes não se sujeitar ou sujeitarem ao acima disposto no paragrapho anterior, perderá o direito ao pre-

mio, que será concedido ao que se apresentar.

Art. 95. E' expressamente prohibido levar remos ao alto antes de serem içados, no pavilhão dos juizes de chegada, os distinctivos dos vencedores.

Paragrapho unico. Içados os signaes dos vencedores, o primeiro vencedor levará remos ao alto; em seguida, acompanhada do vencedor de segundo lugar, apresentar-se-á em frente ao pavilhão da direcção e ambos levarão remos ao alto.

Art. 96. Nos pareos de virada haverá sempre um balisa para cada embarcação, que fará a virada ao redor della por bombordo.

§ 1º. As viradas devem ser feitas sem que as balisas sejam tocadas com as mãos quer pelos remadores, quer pelos patrões.

§ 2º. Quando os remadores ou patrões tocarem nas balisas de virada por ter sido a embarcação abordada por outra, que esteja correndo fora de suas aguas, não serão estes considerados culpados, cabendo a penalidade á embarcação que occasionou a abordagem.

DA RAIÁ

Art. 97. Toda raia deve ter a forma de um parallelogramo e será limitada nos seus quatro lados por balisamento fixo, com intervallo de vinte metros nas cabeceiras e o maximo de cento e cinquenta nos lados.

Art. 98. O balisamento da raia é assignalado por bandeiras de diferentes côres correspondendo-se nas cabeceiras e encarnadas nos lados.

Paragrapho unico. Estas bandeiras deverão estar acima do préa-mar pelo menos um metro e cinquenta e deverão ser perfeitamente visiveis das duas cabeceiras.

Art. 99. A raia deve conter nas cabeceiras tantas balisas intermedias, quantas forem as embarcações inscriptas.

Art. 100. As balisas de sahida deverão ser fixados cabos de tres a quatro metros de comprimento.

Art. 101. Para os juizes de chegada será construido no prolongamento da linha de chegada, um pavilhão fixo, apropriado a esse fim.

Art. 102. A Sociedade promotora da regata enviará ao Conselho da Federação, até 15 dias antes da regata, uma planta da raia a construir com as respectivas dimensões e todas as informações necessarias.

Art. 103. A raia será demarcada, nos seus pontos principaes, até seis dias antes da regata, afim de ser examinada por uma comissão nomeada pelo presidente, composta de um representante de cada Sociedade Federada, comissão esta que dará parecer.

Paragrapho unico. Este parecer deve ser immediatamente entregue ao presidente da Federação, que resolverá nos casos não previstos.

CAPITULO VII

DAS PENALIDADES

Art. 104. O não comparecimento dos juizes no lugar e hora, de accôrdo com o artigo 80 Cap. VI deste código, sujeita-o á multa de (50\$000) cinquenta mil réis.

Paragrapho unico. Na mesma multa incorre o juiz que abandonar o seu posto.

Art. 105. O desrespeito das guarnições para com a direcção e juizes, será punido com a multa de (20\$000) vinte mil réis por delinquente ou suspensão por uma ou mais regatas, conforme a gravidade do caso. (art. 91).

Paragrapho unico. Nas mesmas penas incidem os que reclamarem inconvenientemente contra as decisões dos juizes.

Art. 106. Todo o tripolante que não souber guardar o respeito devido aos seus competidores na raia será multado em (10\$000) dez mil réis ou suspenso por uma ou duas regatas.

Art. 107. São passíveis da pena de exclusão da corrida as embarcações que derem mais de duas sahidas falsas ou não se alinharem na devida ordem (art. 85).

Art. 108. A embarcação que durante a corrida embarçar, trancar ou abordar qualquer competidora será multada no valor da inscrição e desclassificada, caso tenha obliido collocação.

Art. 109. A transgressão do art. 90 deste Código sujeita o delinquente á multa no valor da inscrição.

Art. 110. Será multada em (50\$000) cinquenta mil réis toda embarcação filiada ás sociedades federadas que cortar a raia ou mantiver-se dentro dos seus limites, depois do tiro de aviso, que indica a realização do proximo pareo.

CAPITULO VIII

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 111. Nenhum socio das sociedades federadas poderá correr sob dois pavilhões diferentes na mesma estação sportiva.

Art. 112. Nenhum pareo poderá ser realizado sem que se tenham inscripto pelo menos duas embarcações de sociedades diferentes.

Paragrapho unico. No caso de se inscreverem somente embarcações de duas sociedades, não haverá premio para segundo lugar.

Art. 113. E' vedada a inscrição de mais de duas embarcações da mesma sociedade em cada pareo.

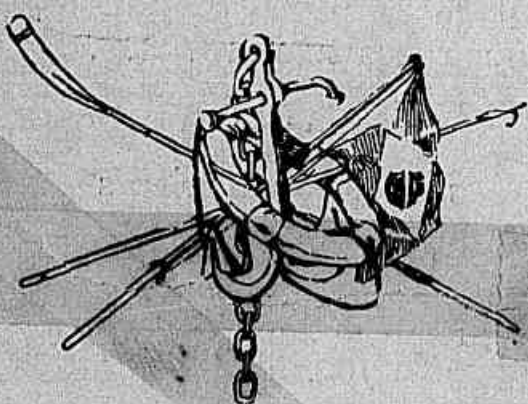
Art. 114. E' permittida a substituição de qualquer embarcação ins-

cripta por outra do mesmo typo e dimensões, no caso de avaria comprovada.

Art. 115. Quando a Federação entender conveniente adoptar provas eliminatorias, proceder-se á do seguinte modo: as embarcações serão divididas em turmas de tres ou quatro, disputando a prova final as vencedoras de cada uma destas turmas. Estas turmas serão formadas á sorte.

Paragrapho unico. Nas provas finais é prohibida a substituição de qualquer dos tripolantes.

De accôrdo com as disposições dos contratos celebrados com a Federação Brasileira e as sociedades federadas, de que O SPORT NAUTICO é órgão official, só serão publicados nas columnas officiaes os originaes enviados até quarenta e oito horas, no maximo, depois da assembléa, sessão ou reunião da directoria, a que elles se referirem.



NOTIGIARIO

A REGATA DE HOJE

A regata que vae ser hoje corrida nas aguas de Botafogo, com o ser cuidadosamente organizada pelo CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA, a quem, ha precisamente um anno, cabe pela segunda vez a gloria de pôr o fecho aureo ás festas do mar, tem para recommendal-a á attenção dos *aficionados* da canotagem a disputa inaugural do CAMPEONATO BRASILEIRO DO REMO.

Fundado pela UNIÃO DE REGATAS FLUMINENSE sob a denominação de *Desafio annual entre os clubs* para ser corrido em *skiffs* de um remador, desde que dois terços das sociedades a ella filiadas possuissem embarcações desse typo, o CAMPEONATO DO REMADOR, que outro não é o CAMPEONATO BRASILEIRO, só pelo principio de 1901 logrou o acurado estudo e a attenção dos directores das regatas do Brasil, reunidos então sob o pavilhão do CONSELHO SUPERIOR DE REGATAS.

Tratando-se por essa época de estabelecer definitivamente o material que mais convinha ás regatas corridas nas aguas da Guanabara, foi que o sr. Adolpho Bailly, cuja dedicação por este sport é fartamente sabida, julgou opportuno aventar a idéa da criação do Campeonato do remador.

Acceita incondicionalmente pelo CONSELHO SUPERIOR DE REGATAS, teve a idéa do operoso sr. Adolpho Bailly o estudo de uma comissão escolhida entre os representantes de sociedades mais conhecedores dos processos modernos da canotagem em terras adiantadas, que concluiu julgando necessaria a criação da prova classica a um remador, por só poder aproveitar ao sport nautico pela facilidade de transporte do material nella empregado para qualquer regata no exterior, á exemplo do que

succedia nos campeonatos internacionales corridos na Europa.

Além disso, recorreu a competente commissão o glorioso successo de um pareo de boles a um remador, corrido pelos saudosos tempos do CLUB GUANABARENSE e ganho pelo Campeão do Rio de Janeiro Armando Leite Basto.

Estava, portanto, definitivamente creado o Campeonato do remador. Faltava, porém, a indicação do material que deveria ser empregado nessas corridas, faltava o ponto difficiloso de todas as questões nauticas.

Novos estudos surgiram, agora mais complicados, para demonstrar qual o typo de embarcação conveniente.

O *skiff*, essa longa agulha feita embarcação, foi lembrado, desenhado e estudado em todos os mais pequenos detalhes, para ser afinal substituido, no começo deste anno, pelo *canoe*, também empregado no estrangeiro para as corridas de um remador.

E nessas embarcações é que elle vae ser hoje disputado sob a denominação de CAMPEONATO BRASILEIRO DO REMO.

Para a conquista da palma triumphadora desta corrida estão inscriptos tres nomes respeitdos entre os amadores cariocas.

ANTONIO MENDES DE OLIVEIRA CASTRO, HANNS BINDER, ambos campeões do Rio de Janeiro e EDUARDO MAY, o director de regatas do Club de Icarahy e o instructor das suas



TAÇA DA CROISSETTE

Premio perpetuo do pareo de goles franches de quatro remadores de voga, com patrão, em 2.000 metros, instituido pelo sr. René Lacour, presidente da Sociedade de Regatas Cannenses e exclusivamente destinado a amadores juniors e seniors das sociedades filiadas á Federação Mediterraneo. (Phot. de L'Aviron.)



TAÇA SUQUET

Premio perpetuo das regatas a véla da Sociedade de Regatas Cannenses, offerecido pelo seu presidente, sr René Lacour. (Phot. de L'Aviron.)

valentes guarnições são os lutadores do pareo de honra da regata de hoje.

Outro pareo importante da regata é a prova classica *Sul America*, que foi disputada pela primeira vez a 25 de agosto de 1901.

Ganha nessa epoca por Henry Lazary, R. Thøerstensen, J. Burgis, Sylvio Rego e R. Quaresma, que guarneciam a canôa de quatro remadores *Minerva*, do Club de Icarahy, a TAÇA SUL AMERICA tem agora inscriptos para disputal-a os melhores juniors das *garages* de Botafogo, de Gragoatá, de Icarahy, do Natação, do Internacional, do Grupo Nautico, do Guanabara, do Flamengo, do Boqueirão, do Cajuense e do Vasco da Gama.

Este facto, de concorrerem todas as sociedades federadas, sem excepção de uma, á disputa da gloriosa TAÇA, com augmentar extraordinariamente o esplendor da carreira, constitue um caso isolado na historia da nossa canotagem.

Nunca, nem mesmo nos cubiçados Campeonatos, nos recordamos de ter visto enfileiradas guarnições de todas as *garages*.

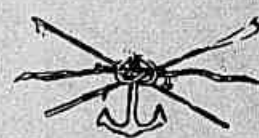
E, melhor do que poderíamos dizer, este facto demonstra o entusiasmo e a ardente peleja que esses pareos despertarão.

A TAÇA SUL AMERICA, foi instituida em 1901 pela Companhia de Seguros A. Sul America, com o intuito de desenvolver o cultivo physico dos nossos moços.

Mas não está sómente no desenvolver desses dois pareos o brilhantismo da regata de hoje. Do seu programma, organizado com o costume esmero dos directores do CLUB VASCO DA GAMA, constam outros pareos que são, por assim dizer, outras tantas provas do valor e da aplicação das guarnições de amadores das sociedades federadas.

E todos esses esforços bem merecem a recompensa dos applausos do

publico carioca que ama os jovens marujos e tem pelo CLUB VASCO DA GAMA a mais franca e justa sympathia.



CHALLENGE FRANCISCO LAPORT.

O bello premio offerecido á FEDERAÇÃO BRASILEIRA pelo sr. Francisco Cardoso Laport, a quem o desenvolvimento da canotagem entre nós deve forte porção de intelligentes esforços, deve ser, segundo a vontade do offertante, conferido ao vencedor do CAMPEONATO BRASILEIRO DO REMO, constituindo o galardão perpetuo dessas provas.

Adquirido em Londres, de onde vem de regressar aquelle dedicado amator de regatas, esse lindo objecto de arte vale como um documento do grande interesse posto ao serviço da propaganda do sport nautico brasileiro pelo benemerito socio do Club do Flamengo.

Representa elle a victoria de um remador de *canoe*, que, de gorro ao vento, agradece os applausos que o seu triumpho despertou, enquanto leva um dos remos e *escora* com o outro a embarcação que tripula.

E só para conseguir esse elegante bronze, vale bem o esforço de uns minutos de vigorosas remadas.

CLUB DE REGATAS CAJUENSE

O CLUB DE REGATAS CAJUENSE, que completa nesta data o quarto anniversario da sua definitiva fundação, representa na historia da nossa canotagem um exemplo do que valem a coragem e a dedicação dos amadores de regatas.

Fundado, quando mais de uma tentativa de criação de sociedades nauticas em S. Christovão havia naufragado, demonstrando a difficuldade de ser levada até alli a propaganda desse nobre sport, o Grupo Cajuense, como primitivamente foi denominada esta sociedade, soube pela força de vontade dos seus organisadores, os srs. J. C. de Souza Bordini, Manuel Raul do Amaral e Severiano Hermes da Fonseca, mais tarde unida aos dedicados esforços dos srs. Paulo Bret, José Joaquim Galvão, A. Sá, A. Queiroz, Arthur Galvão, Floriano Peixoto Filho, A. Maurity e outros, conquistar a sympathia publica e a consideração das sociedades federadas, que comprehenderam desde logo a intelligente constancia e a tenacidade de lutadores com que tão dignos *canotiers* superavam difficuldades que seriam esmagadoras para outros menos decididos á luta.

E tão somente por essas raras qualidades dos seus associados é que o já hoje CLUB CAJUENSE occupa, senão o primeiro, pelo menos um dos mais honrosos logares entre os que valorosamente se empenham pelo progresso da canotagem carioca.

Anteriormente á fundação desta sociedade, em 12 de outubro de 1898, já outras tentativas, como dissemos, haviam surgido e entre ellas a que conseguiu pelo correr de 1893 erguer na praia de S. Christovão um centro de desenvolvimento physico, cuja breve existencia ficou marcada pela realização de uma regata em que tomaram parte guarnições do grupo

Grupo de Botafogo, da União dos Canotiers e das poucas sociedades do remo que por aquelle tempo existiam.

Depois dessa nova tentativa appareceu, em junho de 1897, com o titulo de Club de Regatas do Cajú, mallograda, não obstante os intelligentes esforços do 1º tenente da armada Aristides Mascarenhas, e os dos srs. Paulo Bret, Severiano Hermes, Luiz Vianna de Oliveira e José Joaquim Galvão, que compunham a sua directoria.

O actual CLUB DE REGATAS CAJUENSE representa, portanto, a sagração de todos esses esforços.



CANOTAGEM ESTRANGEIRA

TAÇA DA CROISSETTE

Reproduzimos neste numero a TAÇA DA CROISSETTE offerecida á Sociedade de Regatas Cannenses pelo seu presidente, o sr. René Lacour, para perpetuar a victoria do pareo de *goles-franches* a quatro remadores *juniors* e *seniors* das sociedades filiadas á Federação das Sociedades Nauticas do Mediterraneo, cuja primeira corrida realizou-se a 14 de setembro ultimo.

O *Sport Nautico* já teve occasião de alludir a essa corrida, publicando em seu segundo numero, de 8 de junho passado, a sua regulamentação.

A TAÇA SUQUET, tambem offerecida pelo sr. René Lacour á sociedade sob a sua direcção, é destinada aos vencedores do pareo a véla organizado annualmente pela mesma sociedade.

Este premio acaba de ser conquistado em renhida luta pela guarnição da *yole Sans Souci*, da Sociedade de Regatas de Monaco, composta de Roccherani, Guizol, Saccone e Marino, que percorreu os 2.000 metros em 7 minutos e 14 segundos.

ESTADOS UNIDOS

Acaba de ser marcado para os primeiros dias de janeiro do anno vindouro um desafio entre Geo Town, campeão profissional do mundo e James Wray, remador de Boston.

A importancia da aposta, marcada por James Wray, que atirou o cartel de desafio áquelle campeão,

equivale a sete contos e quinhentos mil réis na nossa moeda, estando já a quarta parte depositada por Wray, como garantia dessa aposta.

ITALIA

Os campeonatos do sul da Italia, corridos em 2.000 metros a 3 e 4 de agosto findo, tiveram o seguinte resultado:

Yoles de mar a quatro remadores com patrão — *Via*, da Sociedade Canottieri Italia, de Napoles, em 7'55". Quatro remadores com patrão — *Gué-Gué*, do Club Nautico de Napoles, em 7'21".

Yoles de mar a dois remadores, com patrão — *Please*, da S. Canottieri Italia, 9'40".

Skiffs-My-Star, do Club do Remo, de Roma, em 9 minutos. Dois remadores sem patrão — *Jammo Já*, do Club Nautico de Napoles, em 9 minutos.

Yoles de mar de oito remadores — *Alba*, da Sociedade Canottieri Italia, de Napoles, em 7'26".

Oito remadores, construcção livre — *I Pirati*, do Club do Remo, de Roma, em 7'03".

SÃO SEBASTIÃO

Com a disputa da TAÇA DO REI, premio da corrida em *goles* de mar de quatro remadores, ganho de ha dois annos para cá pelos amadores da Sociedade Nautica de Bayonna, abriu o Real Club Nautico as regatas internacionaes realizadas a 7 de setembro ultimo em S. Sebastião.

A TAÇA DO REI foi conquistada em 1º lugar pela *yole Bidassoa*, do Circulo do Remo de Lyon, tripulada pelos amadores Raymond, Bailly, Ravizza e Voillier por cinco embarcações da *Infernale*, do Circulo Nautico de França, guarnecida por Peyronny, Rigaud, Leroux e Besland.

O 3º lugar coube a *Santa Barbara*, da Sociedade Nautica de Bayonna. *Donostiya* e *Iruchulo*, do Real Club Nautico de S. Sebastião, conseguiram o 4º e 5º logares.

Este premio, que é perpetuo, consiste numa rica taça de prata (*challenge*) offerecida á sociedade vencedora pelo Rei da Hespanha.

O pareo de *canoes*, corrido apos a TAÇA DO REI, foi bem disputado por Vela, do Real Club de Barcelona, que triumphou por tres quartos de embarcação de Besnard, da Sociedade

Nautica de Bayonna. Em virtude de uma reclamação apresentada por este ultimo remador, foi-lhe conferido o primeiro premio de *seniors*, sendo o primeiro de *juniors* conferido a Vela.

O pareo de *goles* a dois remadores *juniors*, que foi ardentemente disputado, teve como vencedora a guarnição da *Pyrenées*, do Circulo do Remo de Lyon, composta de Bastoner e Berthand, por dois metros apenas da *yole Les Apaches*, da União Nautica de Lyon.

A corrida seguinte, de *goles* a quatro remadores principiantes, foi ganha em 1º lugar por *Péle-Méle*, do Circulo do Remo de Lyon, remada pelos amadores Raymond, Bailly, Ravizza e Girand e em 2º lugar por *Garonne* da Sociedade Nautica Bordeaux.

Em 3º chegou *Cascariotte*, da Sociedade Nautica de Bayonne.

O pareo de *goles* de quatro remadores *juniors* e *seniors*, que foi a ultima do programma, teve ainda como vencedor o Circulo do Remo de Lyon, representado pelos amadores Raymond, Bailly, Ravizza e Vuillier que guarneciam a *yole Lugdunum*.

O 2º lugar coube a *Peaux-Rouges*, do Circulo Nautico de França e o 3º a *Santa Barbara*, da Sociedade Nautica de Bayonna.

Esta regata, que foi presidida pelo sr. Henrique Pardinias, teve a assistencia de grande numero de amadores e representantes de sociedades nauticas, entre os quaes o sr. Luiz Oyzurn, presidente da Federação das Sociedades do Sudoeste.

SOCIEDADE NAUTICA DO MARNE

O Grande Premio Internacional a um remador, corrido pela terceira vez na regata realizada a 14 de setembro em Joinville-le-Pont, pela Sociedade Nautica do Marne, foi ganho facilmente por d'Heilly, do Rowing-Club de Paris, em 1º lugar e em 2º por Guilbert, da Sociedade do Marne.

Este premio foi ganho em 1900 pelo notavel remador Luiz Prével, do Club Nautico de Nice e em 1901 por R. d'Heilly, que acaba de completar a sua segunda victoria.

Depois desse premio foi corrido o campeonato a um remador, de passeio, ganho pelo amator Rampant,

da Federação dos Remadores Independentes

J. Thill, foi o campeão de 1901. O terceiro pareo foi o de *canoes* a dois remadores, sem patrão, corrido entre socios da Sociedade do Marne e ganho por Londrien e Gri-vot em 1º lugar, Soulié e Giran, em 2º e Lemaire e Johanston, em 3º.

O Grande Premio de honra Internacional, da Sociedade Nautica do Marne, corrido pela primeira vez, teve como vencedores Berteloot, A. Guilbert, G. Guilbert e Collin, da Sociedade Nautica do Marne por uma embarcação de d'Heilly, Bouttemy, Pichard e Caudron, do Rowing-Club de Paris.

Aos vencedores deste grande premio foi conferido o *challenge* offerecido por um grupo de amadores anonymos e avaliado em 8.000 francos ou sejam doze contos da nossa moeda.

O ultimo pareo da festa annual da Sociedade do Marne foi o de oito remadores, corrido entre os socios dessa importante sociedade e ganho pela guarnição de veteranos.

A FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DO REMO

A 23 de agosto passado reuniu-se em Straburgo, sob a presidencia do sr. G. Meyer, presidente da commissão dos campeonatos a remo da Alsacia Lorena, o Congresso da Federação Internacional das Sociedades do Remo.

Depois de apresentadas pelos representantes das Federações Franca, Suissa e Belga e pelo conde Vialard di Verrone, do Rowing-Club Italiano, diversas propostas de modificação de disposições do *Codigo* de regatas, foi lido o balanço de 1901 a 1902, que demonstra um saldo de 2.423 francos, cerca de tres contos, seiscentos e trinta e quatro mil reis da moeda brasileira.

CALENDARIO NAUTICO

OUTUBRO

12 — Federação Brasileira das Sociedades do Remo e Club Vasco da Gama — CAMPEONATO BRASILEIRO DO REMO — TAÇA SUL AMERICA e regata regional.

A' VOLTA DO MUNDO

Não ha ainda muito tempo que nos jornaes se liam frequentemente noticias de aventureiros que se propunham dar a volta ao mundo em determinadas condições, que dificultavam a sua empreza.

A' força de vulgarisar-se, o arrojo desses aventureiros tornou-se banal, e a mania foi passando de moda, mas não obsta isso a que vão regressando aquelles que partiram.

E' este o caso de um americano, que ha dias chegou a Liverpool, e de lá embarcou para New-York, seu paiz natal, a bordo do *Magestic*.

Este intrepido viajante, de nome Verno Churchill, apostára dar a volta ao mundo em vinte mezes, levando consigo apenas 25 centimos, e voltar com a bonita somma de 10.000 francos, em dinheiro ou diamantes.

Durante a viagem, as suas despesas deviam ser de 30 francos por dia.

Verno, que desenha para os jornaes, ganhava a sua vida, pelo caminho, fazendo retratos, e está profissão foi para o arrojado americano tão lucrativa, que lhe permittiu não só viajar com grandeza, mas ainda ganhar sem difficuldade a sua aposta.

Partindo de New-York atravessou elle successivamente a America, o Pacifico, o Japão, a Manchuria, a Russia, a Alemanha e a Hollanda.

Durante a travessia do Japão para a China o

seu navio naufragou, e elle escapou da morte milagrosamente.

Entretanto, o intrepido viajante levou a cabo o seu empreendimento, pois que, dentro em pouco terá chegado ao termo da sua viagem.

O LEPROSO

HAVIA muito que aquelles olhos seguiam Jesus pela terra. Era um ser monstruoso, chaguento e disforme e que, como o Odio, vivera sempre sózinho. O sol mordida-lhe a pelle gretada como chumbo derretido e os homens repelliam-no. No Evangelho esta creatura tem um nome — o Leproso. De longe fitava os pomares anaúnhos, as fontes que nasciam nas hortas enchendo a terra de emocio; espiava os casebres entre vinhas e a vida humilde daquella gente da Galiléa, rude, simples e feliz, sob o concavo azul do céu.

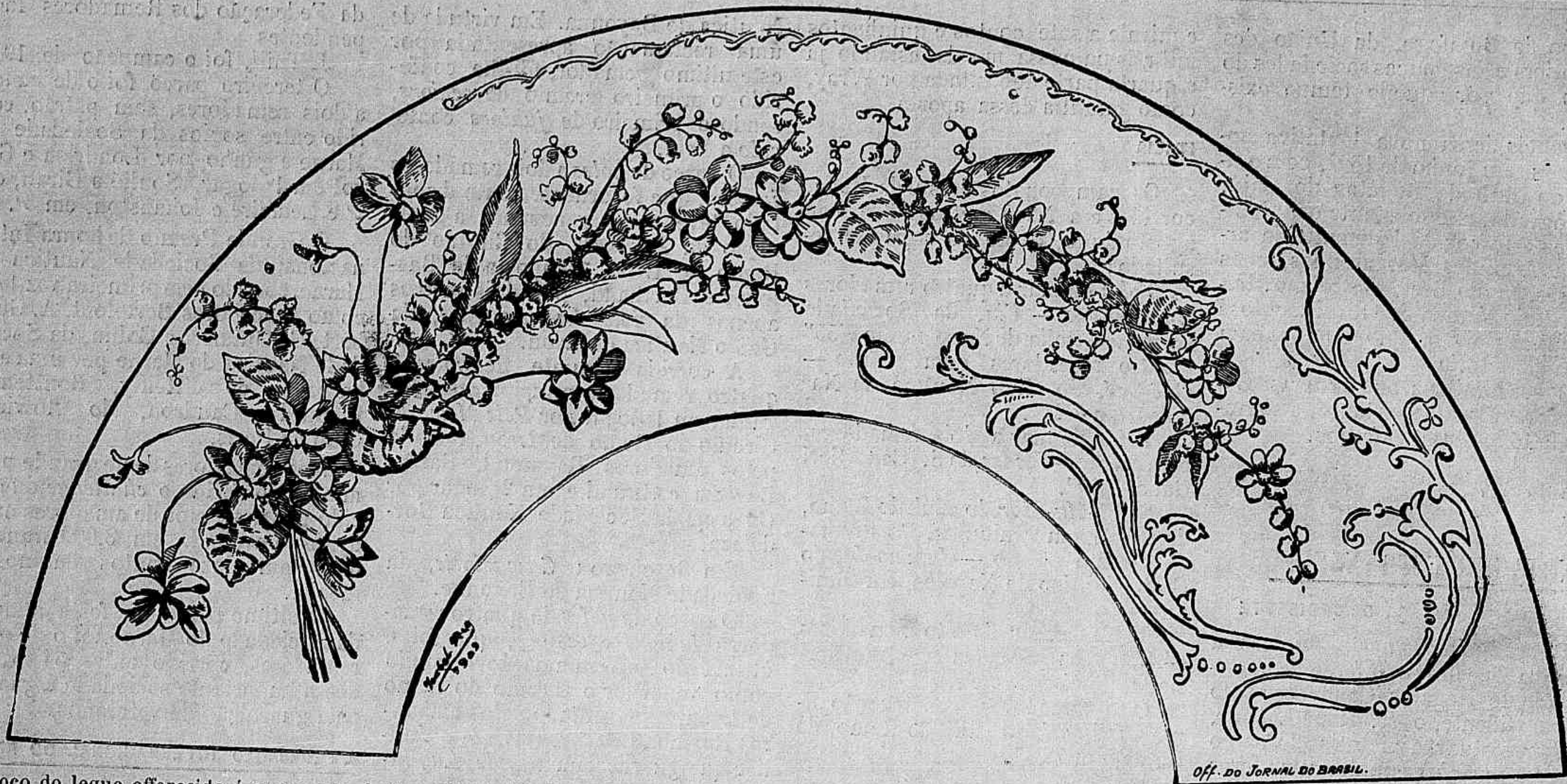
De noite então sahia. Approximava-se pé ante pé, devagarinho, de certos sitios que reveem agua, como os olhos dos tristes, mas ao sentir passos fugia, mergulhando a toda a pressa nas trevas; outras vezes punha-se a escutar á porta das choupanas, e, ao clarão do lume, via os pobres reparando entre si um mesquinho pedaço de pão. E aquella nudez parecia-lhe uma felicidade suprema. De manhã o primeiro, que sahia encontrava molhado o degrão de pedra...

As crianças enchiam-no de scisma e de terror. Quando acontecia avistal-as, corria aos soluços e ficava horas e horas extendido no chão, amorfado pela dor. O Leproso vivera sempre sózinho. Na terra não havia para elle senão um quinhão — desespero. Nem chorar sabia; a sua alma parecia-se com o seu corpo chaguento e disforme. Toda a felicidade lhe era prohibida, mesmo a dos calhaus impassiveis, a das arvores que crescem com esplendor, solidas e fartas.

Era o Desespero solitario, com este unico convivio: as pedras dos sitios desolados e ermos. Sobre elle pesava a abobada ferrea do céu.

Quem lhe dera ser um cardo, a pedra inerte que rola nos caminhos, o mendigo que póde approximar-se das fontes e, unindo as mãos em escudella, fartar-se com soffreguidão de agua viva, deixando a escorrer gotta a gotta por entre os dedos como fios de ouro ou lagrimas! Irmão dos sapos tinha de esconder-se nos sitios ermos, entre os cardos hostis e os seus olhos aguçados só de longe seguiam esse mar bravio, revolvido de felicidade e de gritos — a Vida. Mas aos sapos resta ainda o amor. O homem detesta-os e a natureza acolhe-os; a Mãe uberrima achega a si indifferente o monstro e a flôr. Nas noites cheias de estrellas, em que o pó d'ouro moído faisca lá em cima, elle só e amargo via que até aos proprios sapos a felicidade é permittida.

Duma vez encontrou no seu dorido caminho uma sebe — um milagre. Era pouco ou nada: um pé desmedido de espinheiro que se desentranhava



Off. do JORNAL DO BRASIL.

Esboço do leque offerecido á exma. sra. d. Anna Gabriella de Campos Salles pela Liga Promotora de Trabalhos Femininos.—Trabalho de d. Isabel Justina da Motta Rio.

em flôres, tão pequeninas, tão miudas e tantas, que recuou de afflicção e de espanto. Ao mesmo tempo a banalidade e o sonho. Então, com odio, curvou-se e uma a uma esfrangalhou-as sem piedade nas mãos, com gritos de triumpho e de colera. Ainda lhe restava essa felicidade suprema — o Mal!...

Ora, um dia, o leproso encontrou nas terras idyllicas da Bethania um homem triste, seguido por seis pobres, todos descalços e rotos. Aquillo tolheu-o de scisma: essa figura extranha não o repellira como toda a gente — e talvez por isso mesmo mais o odiou ainda. O monstro não queria piedade: Acolhia de melhor grado a colera. E desde então, através dos caminhos, poz-se a segui-lo de longe. Seus olhos odientos não o largavam e escondido passou a ser a sombra de Jesus. Via-o fallar aos humildes, sentado na raiz de uma arvore. As mulheres, ao avistal-o, deixavam os cantaros nos poços e corriam para elle:

— O rabbi! eis o rabbi!...

E o seu odio, todo o Odio, se ia concentrando sobre aquelle homem triste e tão differente, cujas palavras, ao mesmo tempo prodigiosas e simples, entonteciam. Não comprehendia, mas sentia que o que elle dizia, como o ruido das fontes e as palavras da noite, lhe fazia um mal profundo. Eram só palavras — e dilaceravam-no! Em torno do rabbi juntavam-se grupos. — Mulheres com crianças pela mão ficavam embebidas e de subito viu um vulto tremulo prostrar-se e bater com a cabeça no pó do caminho, exclamando:

— Em verdade tu és o Messias!

Então deitou a fugir na noite opaca. Mas aquelle homem attraia-o e tornou a espial-o de longe, seguindo-o através das terras idyllicas da Bethania.

Jesus acabára de pronunciar deante de men ligos, numa montanha ignorada, algumas palavras — de certo perdidas... Quem no globo poderia então suspeitar que, como um gigante arado de ferro, essas simples syllabas dispersas, revolveriam a terra, fazendo brotar do seu seio as cathedraes de granito — sonho petrificado — a piedade e a Vida? Eram sons apenas, ditos perante homens incultos, num

monte perdido. — Era o sermão da Montanha; a emoção transformando o mundo como os veios dagua vivificam a terra e em cada coração secco prestes a abrir um espinheiro coberto de flores, como o que o leproso destruiu a seus pés...

Jesus descia a montanha ainda tranzido de belleza, quando o monstro rolou entre os calhaus e veio, immovel e sem uma palavra, postar-se no caminho. A vida, isto é, o odio, concentrára-se-lhe no olhar. Odio por que? Pelo que tinha soffrido; por a natureza, que perfilha o sapo, o repellar a elle. E disforme, quieto, rugoso como uma pedra, o monstro olhou Jesus. Parecia dizer-lhe cara a cara:

— Odeio-te porque soffro. Ouvi dizer que no mundo ha noivados. E' certo? Nas minhas noites tragicas ouço a agua fallar, os bichos virem para sob a abobada, onde as estrellas se accendem aos borbotões, cantar pelo quinhão de felicidade que a natureza lhes deu!... Odeio-te, Jesus — ouviste? — porque tu és bello e eu sou monstruoso; tu és grande e eu sou disforme; tu és o Amor e eu sou o Odio!...

Então Jesus, tendo-o fitado bem nos olhos, adivinhou o abysmo de desespero e de espanto e de subito lançou-lhe os braços, estreitou-o a si,

peito contra peito, e dos seus olhos tristes as lagrimas tombaram fio a fio.

Era um fim de tarde todo de ouro. Ao longe, os discipulos tinham parado discutindo, descalços, rotos e incultos — e a Montanha esplendida erguia-se escorrendo sol.

Uniram-se como duas torrentes que se chocam, como duas boccas avidas que tateiam e se procuram através dos seculos. Veiu aquelle cachão — lama e escoria, ouro e agua limpida — como a propria Vida, gerado desde o inicio nas entranhas da terra, e tocou-se, juntou-se, amalgamou-se... Então o mundo foi tocado até á sua ultima raiz. Alguma cousa aluira para sempre. Aquelle acto formidavel repercutiu-se pelo infinito de globo em globo...

O monstro transformara-se: era um homem cahido aos pés de Deus, o Odio vencido pelo Amor.

Raul Brandão.

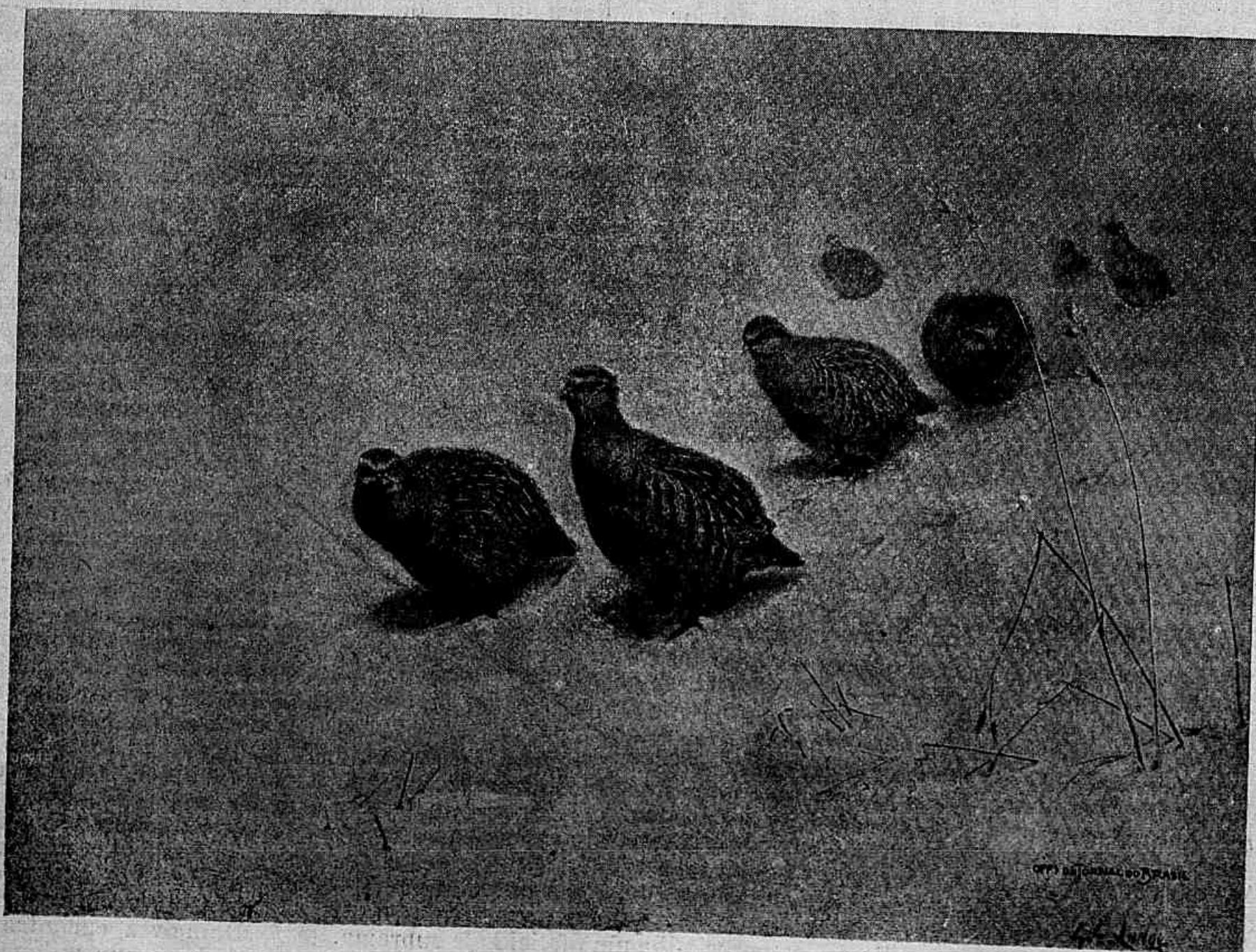
Morreu ha dias, de repente, em Londres, John Mackay, um dos archi-millionarios americanos.

John William Mackay, que contava setenta e dois annos de idade, nascera em Dublin; em 1840, emigrou para a America.

Os seus começos, em New-York, foram muito difficeis e obrigaram-n'o a partir, em 1851, para a California, sem que alli fosse mais feliz. Em 1860 seguiu a corrente que impellia os mineiros para o Estado do Nevada; deu-se bem e tornou-se proprietario: primeiro da mina de Bonanza; depois, de muitas outras. Desde esse momento, foi cognominado o *Silver King* (o rei da prata). Entrou na maior parte das empresas yankees e, afinal, chegou a ser um dos principes da finança americana com Morgan, Rockefeller e Vanderbilt.

Possuia na Europa, em Londres e Paris, palacios sumptuosos onde mme. Mackay recebia como uma rainha. Sua filha desposou o principe Colonna, dos Colonna, de Napoles. Morrera-lhe um filho, no anno passado, de uma queda de cavallo.

Professor — Qual é o fim da grammatica?
Alumno — O indice.



Um bando de perdizes.